

www.autoresespiritasclassicos.com

Cairbar Schutel

A Vida no Outro Mundo

1932



*William Turner
O lago Lucena*

Conteúdo resumido

Com clareza e objetividade, o autor desvenda as nuances que caracterizam a vida no Plano Espiritual, evidenciando que a individualidade do espírito subsiste após o desenlace do corpo físico.

Sumário

Prefácio

I - Ciência Materialista / 06

II - O Problema da Imortalidade / 10

III - Em Busca da Verdade / 14

IV - A Revelação Espírita / 18

V - Estudos Anímicos / 23

VI - Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade / 27

VII - Efluviação Ódica / 31

VIII - Existência do Perispírito e Desdobramento da Personalidade / 34

IX - O Perispírito e suas Propriedades Funcionais / 40

X - O Perispírito nos Seres Inferiores / 43

XI - O Mistério da Morte / 48

XII - No Outro Lado da Morte / 57

XIII - Perturbação da Morte / 61

XIV - O Passamento, ou o desprendimento do Espírito, do Corpo / 65

XV - A Sobrevivência Individual / 75

XVI - A Inconsciência da Vida no Além / 79

XVII - Sala de Reuniões e casas no mundo dos espíritos / 83

XVIII - Os Planos do Mundo Espiritual / 87

XIX - O plano da vida após a morte / 91

XX - Revelações sobre a vida no outro mundo / 97

- XXI - As revelações de Swedenborg / 103
XXII - A complexidade do mundo espiritual / 106
XXIII - Os planos subseqüentes ao mundo espiritual / 111
XXIV - Trabalho e ocupações dos Espíritos / 118
XXV - Considerações Imortalistas / 121

Prefácio

Quando escrevi O Espírito do Cristianismo julguei seria a última obra que teria de dar à publicidade, e me alegrei por haver desinteressadamente levado aquela insignificante contribuição para o erguimento do Verdadeiro Templo Espiritual, que o Espiritismo veio construir para abrigar a Humanidade.

Na verdade, não me passava pela mente a idéia de um novo livro; satisfazia-me com a publicação de artigos filosóficos e doutrinários, com os quais procurava manter acesa a lâmpada da Fé nos corações daqueles que me têm dedicado a sua amizade e simpatia.

Um dia, porém, lembrei-me de que há muito tempo havia eu escrito uma conferência, cujos ensinamentos eram inéditos naquela época e vinham trazer nova luz sobre a vida além da morte.

A doutrina expandida nessa conferência fora ilustrada com alguns mapas, que formavam um esquema de confronto entre os mundos do nosso Sistema Planetário e outros, representativos das estrelas, majestosos sóis centros de outros tantos sistemas, que representam as "muitas moradas da Casa de Deus", lembradas por Jesus segundo refere o

Evangelista João. Assim também os desenhos faziam lembrar os asteróides, os cometas, os mundos que sulcam os Universos quais frotas flutuantes, levando em seu dorso Humanidades que caminham para a Perfeição - o Bem e o Belo - para a glorificação do Supremo Criador.

Passados alguns anos, verifiquei que a doutrina expendida nessa conferência não era ficção, nem mera fantasia de uma exaltação pela Imortalidade, que porventura me afagasse o coração, vista que outros tantos escritores e médiuns nos haviam transmitido as mesmas verdades, embora em países diversos e distantes do nosso, bem assim em outros idiomas.

Esse fato me incitou a escrever novo livro, que, com justa razão, deveria intitular-se A Vida no Outro Mundo.

Pus mãos à obra e eis que consegui, com o valoroso auxílio dos meus protetores e dos caros Espíritos que dirigem nosso movimento, entregá-la á publicidade.

Como nas demais obras, não me incomodei com a forma; unicamente fiz questão de que as expressões que traduzem os conhecimentos, que me foram dado receber, exprimissem exatamente as idéias que desejo ver propagadas e conhecidas de toda gente.

Esforcei-me o mais possível para usar de uma linguagem popular, acessível a todas as inteligências, porque sei que esta obra terá mais divulgação entre os humildes e desprovidos da literatura que adorna os que tiveram tempo e dinheiro para se ilustrar na arte de falar bonito.

O meu fim é levar a consolação aos aflitos, a fé aos descrentes, a verdade aos que por ela anseiam e trabalham.

Se este livro concorrer para estancar lágrimas de amor pela separação de entes caros, e para a iluminação de

cérebros que se consideravam vazios de espiritualidade, eu me darei por satisfeito com o meu trabalho.

I

Ciência Materialista

O grande mal da nossa época é o Materialismo deprimente que envolve as massas. Por toda parte a descrença e a ignorância fazem vítimas, matando corpos e adormecendo almas. Mesmo no seio das igrejas que se dizem cristãs, não haverá, talvez, dez por cento de "religiosos" que acreditam firmemente na sobrevivência.

O materialismo penetrou no âmago dos corações, e a ignorância lavra, tristemente, obscurecendo espíritos.

Afinal, no que se funda o Materialismo? Quais são os seus princípios, considerados dignos de tanta consideração e obediência?

Em uma palavra - o que é a matéria?

"A matéria é uma coisa inerte e tangível, composta de átomos".

Diversos sábios acrescentaram a "indestrutibilidade e irreducibilidade à matéria, bem como a sua ponderabilidade e imponderabilidade", o que levou Berthelot a dizer que "esses atributos da matéria permaneceram registrados na História como um romance engenhoso e sutil".

Como se sabe, a matéria era pouco conhecida; só se percebiam os seus três estados: sólido, líquido e gasoso.

Foi em 1878 que o estudo da matéria recebeu influxo mais positivo. Na mesma ocasião em que Davy fazia conhecer a dissociação dos compostos químicos por uma corrente elétrica, William Crookes, no seu trabalho sobre Física Molecular, demonstrou a existência de um quarto

estado da matéria, metagásoso, ou seja, radiante. E acrescentou, em suas conclusões, que este estado (radiante) é absolutamente material, concluindo, por isso, que a matéria não é senão um modo de movimento, que passa do estado sólido ao etéreo donde veio.

Logo depois, o ilustre físico inglês Sir Oliver Lodge, fez uma comunicação à Sociedade Real de Londres, sobre a matéria, cujas conclusões assim resume: "A evolução ou transmutação da matéria foi experimentalmente posta em evidência pelos fatos da radioatividade. Os átomos pesados dos corpos radioativos parecem desagregar e lançar no espaço átomos de peso atômico mais fraco". Eram para Lodge cargas iônicas, que outros cientistas entre os quais William Crookes, chamaram de elétrons.

Por tudo isso se vê que a matéria não tem as propriedades com que a brindaram os sábios doutro tempo. O seu estado primordial e seu último estado resumem-se no éter, e, como disse Sir Oliver Lodge, não se pode deixar de concluir que o éter é tudo, a fonte de que Deus se serve para criar tudo quanto existe, porque o éter, por si mesmo, não é inteligente, e não passa de um reservatório infinito, eterno, de forças que se materializam e modelam, e se desmaterializam, dependentes de uma Vontade Superior, de uma Inteligência Suprema, Eterna, que chamamos Deus.

Se dermos, uma olhadela nos trabalhos do Dr. Gustave Le Bon, veremos que, segundo a idéia deste ilustre homem de ciência, como de outros físicos, a matéria não é senão "energia concretizada".

Como se vê, os próprios materialistas têm perdido os seus princípios; não relutam, entretanto, em afirmar, embora sobre bases movediças, a realidade da sua doutrina. Mas o

interessante é que cada um deles mantém teorias meramente pessoais e discordantes uma das outras.

Uns acham que o Organicismo e a Histologia são suficientes para explicar os fenômenos vitais pelo mecanismo dos órgãos. Neste caso entram em cena os efeitos das forças psicoquímicas, considerando a sensação, o pensamento, a vontade, como uma propriedade dos neurônios. Outros são materialistas porque não concebem um espiritualismo de acordo com a ciência experimental que aconselha o estudo, a investigação, o livre-exame. Estes são os epicuristas, que afirmam: "Post mortem nihil est, espasque mors nihil". (Depois da morte nada há, a morte é mesmo nada). Sem a mais ligeira noção de psicologia, olham indiferentemente todos os fenômenos objetivos e subjetivos que se vão verificando todos os dias em toda parte, e, em face dessas manifestações inteligentes, que revelam conhecimentos muito superiores aos do indivíduo, repetem loucamente o velho aforismo aristotélico, de que "nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu" (nada há na inteligência que não haja passado pelos sentidos), como se esses conhecimentos tivessem sido recebidos pelo sujeito, através dos seus sentidos físicos e na existência presente. Eles não podem ver que esse adágio, tal como aplicam, é absolutamente falso, princípio sem sanção em Ciência como também em Filosofia.

Enfim o Materialismo, felizmente, está na sua derradeira agonia.

Combatido através dos tempos por inteligências de escol, como Voltaire, Malebranche, Leibnitz, Swendenborg e muitos outros, o Materialismo não pode deixar de se dar por

vencido, em face dos fenômenos metapsíquicos e espíritas, constatados atualmente pelos maiores sábios de mundo.

O Espiritismo chegou no tempo propício para escarpelar a ciência materialista, dissecando-lhe todos os nervos, e fazer ver às gentes a impotência dos princípios que ela ensina, absolutamente contrários à veracidade dos fatos.

Domo-nos por felizes em assistir a essa derrocada e concorrer, embora com minúscula parcela, para que breves sejam os dias em que as águas movimentadas da nova ciência que surge, atirem nas voragens insondáveis essa outra "barca" tripulada por "piratas" que tem levado á desolação ao mundo.

II

O Problema da Imortalidade

A Humanidade, deslocada dos legítimos preceitos da moral - Moral Divina, Religião de todos os tempos e de todos os povos, que foi substituída criminosamente por mandamentos humanos e cultos esdrúxulos, não cogita, mormente nos tempos em que nos achamos, dos seus deveres e seus destinos. São relativamente poucos os que pensam no dia de amanhã a não ser para auferir bastardos lucros. Entretanto, a pequena, a insignificante fração que constitui esses poucos, esforça-se e trabalha, uns para a conquista de uma crença verdadeira que bem lhes oriente no caminho da vida, outros, para verem resolvido, no nosso planeta, o grande problema, o problema máximo cuja resolução é, de fato, o que nos oferece maiores promessas, mais valorosos benefícios.

A Imortalidade é, com efeito, o pivô sobre o qual se devem movimentar todos os cometimentos para uma orientação segura da vida.

A sabedoria e as virtudes nunca terão grande razão de ser enquanto os homens se desinteressarem pela imortalidade. A resolução do grande problema afeta por tal forma todas as ramificações do saber humano, que permaneceremos estacionários se a Humanidade, ou antes, os homens continuarem a pôr à margem esta questão de interesse político, religioso, científico e social, pois, de fato, é ela a base fundamental de todos os problemas que inflamam o cérebro e fazem palpitar o coração; é, na verdade, o ponto de

partida para todos os estudos; é sobre essa rocha que se deverá erguer o grande edifício, o enorme Monumento onde pontificarão: a Ciência, a Religião, a Filosofia, as Artes. A própria Paz, interna e externa, não se conseguirá, nos países e nas nações, sem a Luz da Imortalidade, assim como sem ela é impossível manter a Fraternidade entre os povos.

Pascal dizia com suma razão: "A imortalidade é o nosso primeiro interesse, é uma coisa de tal importância que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para ser indiferente ao seu conhecimento".

Com efeito, não é a solução desse problema que aclara a nossa razão, ilumina o nosso destino, dá sentido ao nosso futuro pessoal, à nossa existência? Não é a solução desse problema que nos dá uma orientação firme, norteando a nossa vida ao influxo de nobres paixões, de uma moral legítima e edificante?

Poderão a negação e a dúvida produzir semelhante milagre, formar caracteres, arregimentarmos para enfrentar os dissabores da existência, as decepções cotidianas que nos assaltam e oprimem?

Quem não se viu ainda em frente do desespero, quem não se deteve à porta fechada de um túmulo, quem não viu desaparecer do seu convívio um ente querido, quem, nos momentos angustiosos, não disse para si mesmo, - a morte é o fim de toda essa tragédia que os homens representam no grande palco do mundo? Tragará ela os bons como os ruins, os virtuosos, os abnegados, os sábios que, debruçados sobre livros ou absorvidos em seus laboratórios, trabalham pela coletividade, pela bem geral, pela comunidade?

Os nossos entes amados, objetos da nossa afeição, aqueles que constituíram nossos melhores afetos, nossa

veneração, nosso amor, serão dissolvidos, extintas nos abismos do nada?

Será que não somos mais que um volume de carne cobrindo um esqueleto, formando ao todo uma combinação de oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono?

Será que não somos mais que uma armação de ossos coberta de albumina e fibrina, com uma rede de nervos imersa num lago de água?

Os pensadores, os que procuram encarar a vida tal como é, não teriam meditado nunca? Não lhes teria passado pela mente essas naturalíssimas conjeturas, essas considerações que surgem no nosso cérebro e em nosso coração nos momentos difíceis que atravessamos, quando sentimos a vida pesada, quando o agulhão das contrariedades nos assalta e oprime?

E como responder a todas essas perguntas sem resolver o grande problema que é a chave principal, a chave "mágica", que abre todas essas portas fechadas à nossa razão, à nossa inteligência, ao nosso sentimento, ao nosso coração?

Darão, porventura, as religiões sacerdotais uma resposta a esses quesitos que ensombram a Humanidade?

A Ciência Catedrática, com todos os recursos que lhe têm vindo das novas descobertas e invenções, será ela capaz de responder-nos positiva e categoricamente de modo a satisfazer o nosso entendimento e por um paradeiro às ânsias que se acentuam todos os dias em nossa alma?

Finalmente, somos ou não somos? Existimos ou não existimos? Continuaremos a viver após o último ato da nossa existência terrestre? Ao cair o pano, restará de nós alguma coisa, ou tudo se extinguirá?

Será a vida uma farsa que começa no berço e termina no túmulo?

Será a vida uma sucessão continua de micróbios, um combate sem tréguas de animálculos que se entredevoram e se sucedem, tendo por epílogo a desagregação do "Eu" debaixo de uma lage fria, dentro de um sepulcro?

Meditemos sobre tudo isso, pensemos: eis o primeiro trabalho a realizar. Esqueçamo-nos por um momento das ilusões que nos fascinam e embrutecem; encaremos a realidade sem temor, porque, dela nos desviando, só teremos ilusões e desenganos. Tomemos a sério a vida, para que a vida se nos mostre tal como é, sem enganadoras aparências.

Fiquemos certos de que não teremos paz, nem saúde, nem religião, nem sabedoria, nem felicidade, sem que o grande mistério do "ser" ou "não ser" fique resolvido.

III

Em Busca da Verdade

Em todos os tempos, ilustres pensadores e grandes filósofos têm dedicado vidas inteiras para solucionar o problema da vida. Infelizmente, porém, as suas pesquisas não ultrapassaram os limites corporais, deixando de lado os fenômenos psíquicos, que atribuíram, na maioria das vezes, a causas sobrenaturais e miraculosas.

O problema anímico aparecia obumbrado aos estudiosos, que baseavam suas perquirições em torno do homem no pressuposto de que ele era uma alma criada juntamente com o corpo.

As Escolas de Leucipo e de Epícuro, por exemplo, admitiam a alma; mas diziam que ela se compunha de átomos que se desagregavam, e era, portanto, incapaz de sobreviver à morte do corpo.

Esta idéia, mais tarde apresentada com modificações sucessivas por Locke, Condillac, Helvetius e Holback, degenerou em absoluto negativismo, proclamando a Escola Materialista o seguinte "artigo de fé": "Somente no organismo humano a matéria pode sentir e perceber".

Foi também esta a divisa adotada por Molleschot, Buchner, Karl Vogt, Broussais, Haeckel e outros príncipes da Ciência, aplaudidos pelos homens mais eminentes do século.

Karl Vogt afirmava: "o pensamento é uma secreção do cérebro", e acrescentava: "as leis da Natureza são inflexíveis, não conhecem moral nem bondade".

Haeckel dizia: "a alma, isto é, a atividade espiritual, nada mais é que uma função fisiológica, produto de fenômenos mecânicos".

Parece ser ainda corrente entre os sábios oficiais e seus adeptos que a "consciência é determinada pelos elementos constitutivos do sangue e as obras da virtude e do gênio não passam de uma questão de hereditariedade, ou seja, o resultado da física e da química dos corpos". Foi o que levou um ateu a dizer que o homem não passa de um Oxinitrocarbureto de hidrogênio coloidal, e nada mais existe nele a não ser matéria.

As doutrinas espiritualistas de Aristóteles, de São Tomás de Aquino, de Descartes, que brilharam com verdadeiro fulgor secundadas pelas de Jouffroy, Cousin, Villemain, e as quais, no terreno filosófico, demonstraram a existência e imortalidade da alma, não conseguiram, entretanto, deter a onda dos nihilistas, que se avolumava cada dia mais.

A velha concepção da alma não dava lugar a provas positivas, disso resultando, não só entre os materialistas que negavam, como entre os espiritualistas, a adoção de um panteísmo comodista, que fazia estes cuidarem somente da vida corporal em detrimento da vida espiritual, do presente, com exclusão do futuro.

Com efeito, perdida a orientação da vida, limitado o espírito às coisas materiais, sem esperança de uma vida melhor, a sociedade teria forçosamente de precipitar-se num abismo, onde nenhuma aquisição duradoura lhe poderia melhorar a situação. A Razão, desvirtuada dos seus princípios, não pode permanecer ao lado da Moral da Ciência.

Foi em tais circunstâncias que se fizeram sentir, em nosso planeta, as manifestações paranormais, de ordem extrafísica, que haveriam de submetidas ao método experimental, proclamar o estabelecimento definitivo da alma como fator do organismo corpóreo, sua preexistência ao nascimento do corpo e sobrevivência à morte deste.

O Espiritismo mostra que, no homem, a aliança dos dois elementos - alma e corpo - intimamente unidos, reagem um sobre o outro, como o prova o testemunho diário dos sentidos e da consciência; e tem por intermediário o invólucro do Espírito, que Allan Kardec houve por bem denominar perispírito, elemento este já previsto pelo Apóstolo Paulo, que o chamou corpo espiritual, e pelo inglês Cudworth, que o intitulou medidor plástico.

A Teoria Espírita, trazendo uma nova idéia da alma, estendeu a sua ação ligando os dois mundos, o mundo da vida corpórea e o mundo da vida espiritual, facilitando, assim, a solução do grande problema do "ser", com os seus princípios de evolução entrevistos por Darwin, Lamarck e Haeckel, mas infundindo nas concepções evolucionistas o Espírito, sem o qual não poderão prevalecer.

Com a inestimável contribuição que o Espiritismo a todos proporciona, livre das injunções do feudalismo intelectual, todos os homens de boa vontade, num esforço supremo para sua melhoria, podem e devem abordar, agora, com orientação mais firme, aquilo que, antigamente, era privilégio dos sábios e sacerdotes.

Favorecidos pelos fenômenos psíquicos, pela evocação dos Espíritos e suas manifestações, ainda mais, auxiliados por uma enorme biblioteca de obras que tratam do assunto, muita fácil será ao homem de boa vontade encontrar a

Verdade fora das academias e das religiões sectárias que têm retardado o progresso humano.

IV

A Revelação Espírita

A Revelação Espírita foi o grande acontecimento do século XIX. Em sua pujante manifestação, ela explica, esclarece, anuncia de maneira inteligente e racional todas as revelações passadas e prevê as revelações do futuro. Foi, portanto, com justa razão que o grande pensador brasileiro, Doutor Pinheiro Guedes, disse: "O Espiritismo abrange o ciclo das evoluções do Espírito ab initio ad eternum, do início ao infinito".

O Espiritismo parece muito novo, porque a sua codificação, admiravelmente concebida por Allan Kardec, tem unicamente 80 anos (1); entretanto, em sua essência íntima é tão velho quanto o mundo. Tem sido a alma de todas as crenças, o espírito de todas as religiões que têm embalado a Humanidade.

(1) A 1.ª edição deste livro data de outubro de 1932. (Nota da Editora).

Desde tempos imemoriais, desde épocas remotíssimas da História, a comunicação com os Espíritos tem sido praticada por homens e mulheres, grande parte dos quais fazia dessa comunicação sua especialidade.

Todos os livros sagrados referem-se a aparições e comunicações, quer com Espíritos Superiores, chamados pelos sacerdotes como santos, anjos ou arcanjos, quer com "pecadores" que, do outro lado do túmulo, através do mediunismo, vinham manifestar-se aos seus conhecidos, amigos e parentes que aqui ficaram.

Os Vedas, código religioso aparecido muito antes de Jesus Cristo, afirma a existência dos Espíritos dos antepassados, que, em estado visível, acompanhavam certos brâmanes, e acrescenta que "os anacoretas e cenobitas tinham a faculdade de conversar com os mortos". O povo da China, cuja cronologia marca mais de 30.000 anos, nunca deixou de evocar os Espíritos. O missionário Huc fez referência a um grande número de experiências, que tinham por fim a comunicação dos vivos com os mortos.

No Egito, os poderes sacerdotais facultavam lhes as relações com o Mundo Espiritual, embora naquele tempo as práticas tivessem caracteres misteriosos e sobrenaturais.

As evocações dos mortos eram de tal modo generalizadas na Grécia que, pode-se afirmar, constituíam crença de todo o povo. Todos os templos possuíam mulheres, às quais davam o qualificativo de pitonisas, (médiuns) encarregadas dos "oráculos" e de fazerem aparecer Espíritos.

A celebridade do Templo de Delfos, onde os Espíritos, pelos lábios das pítias proclamavam o "Deus grego", iluminando os mistérios da vida, as existências passadas e futuras, as relações da alma com o corpo, são verdades que aparecem hoje à luz do Espiritismo. Dai a inscrição que se lia no frontão desse Templo: "Conhece-te a ti mesmo".

Em Roma, na Itália, como na Grécia, as sibilas evocavam os mortos e interrogavam, sem cessar, os Espíritos, e nenhuma empresa importante era decidida sem que se consultassem as sacerdotisas. Os antigos médiuns assim se chamavam: pítias, pitonisas, sibilas, sacerdotisas e quase todos apareciam ou se destacavam entre as mulheres. Viviam isolados nos templos, alguns bebiam água da Fonte de

Castália, que diriam dar inspiração, ou mascavam folha de louro, que "provocava, pelo seu aroma, a concentração".

Além do Santuário de Delfos, destacavam-se o de Júpiter Amon, na Líbia; o de Marte, na Trácia; o de Vulcano, em Heliópolis; o de Esculápio; o de Isis, e muitos outros.

A Bíblia salienta os poderes extraordinários dos sacerdotes faraônicos, e através dessas páginas, se desenrolam as cenas espantosas que ocorreram por ocasião da libertação dos Israelitas, fenômenos hoje catalogados e explicados racionalmente pelo Espiritismo.

Ainda no Velho Testamento, grande repositório de documentos históricos, lemos a narração de fenômenos transcendentais, de previsões, sonhos, revelações, profecias, aparições e comunicações de Espíritos, tal como se produzem nos nossos dias.

Além do resplendor do Sinai, fato estupendo que só pode ser resolvido pela Teoria Espírita; além das manifestações que se verificaram na vida de José, filho de Jacó, a quem os Espíritos se mostravam no seu "corpo mágico", todos os profetas maiores e menores - Samuel, Jeremias, Malaquias, Jó, Isaías, Ezequiel, Daniel, mantinham estreitas relações com os Espíritos de várias categorias. Esdras, sob o ditado de um Espírito, reconstituiu a Bíblia que se havia perdido; Sansão, poderoso médium de efeitos físicos, abala as colunas de um edifício onde se efetuava um festim e deita por terra os convivas entregues às mais detestáveis bacanais.

Era tão comum entre os Israelitas as comunicações com os mortos, que até os reis não levavam seus exércitos a combater sem consultarem, primeiramente, os profetas.

Achab, rei de Israel, e Josafá, rei da Judéia, nenhuma decisão tomaram durante o seu reinado sem a prévia consulta aos Espíritos.

Saul evoca o Espírito de Samuel antes de entrar em luta contra os Filisteus, e como este não lhe respondesse "nem por sonhos", nem por outra mediunidade, vai a Endor pedir à pitonisa a manifestação daquele Espírito.

Joel, arrebatado pela visão da nova aurora que começa a iluminar a Humanidade, proclama a difusão do Espírito sobre toda a carne, sem excetuar mancebos e velhos, filhos e filhas, servos e servas.

No Novo Testamento, as manifestações psíquicas começaram com o anúncio do nascimento de Jesus Cristo, pelo aparecimento do Anjo Gabriel e continuaram sucessivamente desde o presépio de Belém até às contínuas aparições do Nazareno, post-mortem. Todas as páginas dos Evangelhos realçam os admiráveis fenômenos de curas, levitações, transportes, materializações e desmaterializações, aparições que denotam muito bem o plano espírita traçado pelo Mestre durante a sua passagem pelo mundo. A transfiguração no Tabor, com as aparições de Moisés e Elias, é um fato digno de nota e estudo.

Os "Atos dos Apóstolos" e as "Epístolas" são livros de grande interesse pelos fenômenos psíquicos neles registrados.

Os grandes escritores sagrados em todas as suas obras relatam fatos de natureza espírita, que vêm em apoio à teoria que propagamos. Santa Tereza era portentosa médium que vivia em contínuas relações com os Espíritos. Após a sua desencarnação, ela desenvolveu cinco médiuns no Convento, com quem se comunicava. Santo Agostinho, o Padre Manuel

Bernardes e outros, salientam fatos dignos de atenção, pela insuspeição e seriedade de suas narrações. E seria estultícia negar esses fenômenos só pelo fato de não serem compreendidos.

A missão do Espiritismo é, justamente, reunir, enumerar, catalogar esses fatos dispersos em todo o mundo como provas demonstrativas da Imortalidade. Ainda mais: enquadrando esses fenômenos em leis eternas, explicando-os de acordo com a razão, o Espiritismo os classifica como manifestações da Vontade de Deus, sob cujos influxos o homem compreenderá a sua situação na Terra e o futuro que lhe está reservado.

A Teoria Espírita satisfaz a todas as exigências da Ciência e da Religião. A Grande Revelação é a evolução lógica da idéia monoteísta proclamada no Sinai como a primeira etapa de um sistema teogônico que se desdobrou através do Cristianismo e aparece integralizado no Espiritismo.

A Religião e a Ciência não podem cristalizar princípios; tanto uma como outra tem-se desdobrado, evoluído através dos tempos.

No plano físico, a matéria radiante de William Crookes, o radium de Curie, a telegrafia de Branly e de Marconi lançaram novos fundamentos no campo da Ciência Positiva.

O Espiritismo, hoje cientificamente demonstrado e sistematizado, desvenda a história do maravilhoso humano e faz reviver seu passado enraizado nas religiões iniciáticas, cujos fundadores nos dão o valor do seu testemunho para a constatação da verdade que proclamamos.

V

Estudos Anímicos

Antes de entrarmos em quaisquer considerações sobre as provas demonstrativas da sobrevivência da alma, cumpramos salientar, com bastante clareza, a existência da alma.

O Animismo é a ciência que trata da alma. A própria palavra animismo quer dizer: ciência da alma. Como as demais, esta ciência se compõe de teoria e de fatos.

A nova Psicologia nos veio desvendar um vasto campo de estudo no terreno do Animismo.

Nele se percebe, nitidamente, o núcleo anímico abrindo a crisálida, que o mantinha oculto aos famosos psicólogos da Antigüidade, para se mostrar, agora, cheio de força e de vida, evoluindo através das formas inferiores, até chegar á Humanidade; prosseguindo, em gloriosas etapas ascendentes, desde o cafre simples, desde o hotentote ao homem civilizado, ao sábio, ao santo.

Não nos deteremos nesses estudos, porque outra é nossa tarefa; mas a razão; perquirindo rapidamente a causa das prerrogativas animais, em suas várias modalidades - percepção, sentimento de estética, amor filial; amor fraternal, não podia deixar de encontrar a alma nas formas ainda inferiores, elevando-se para as alturas, para fazer parte do reino hominal, estágio se bem que ainda inferior, mas pleno de augúrios e de promessas.

Limitamo-nos a convidar o leitor a um exame atencioso das obras de Darwin, Lamarck, Haeckel, e muito

especialmente de Gabriel Delanne, cujo livro "Evolução Anímica" é de uma concisão admirável.

Os fisiologistas mais importantes, conquanto neguem a existência da alma, reconhecem sua incapacidade para explicar a vida intelectual sem a intervenção de uma força inteligente".

A Ciência está mesmo muito atrasada para tratar de assuntos transcendentais, ou antes, que têm relação com a alma.

O espírito preconceituoso dos nossos sábios oficializados, não lhes permite surtos a grandes alturas. Eles se limitam ao estudo da matéria e, mesmo quando se trata dos fenômenos gerais dos seres vivos, a Ciência pouco sabe.

Basta lembrar que, das quatro propriedades dos seres vivos: a organização, a geração, a nutrição e a evolução, a Ciência não explica senão a nutrição, e isso mesmo em termos, dando uma explicação incompleta porque não diz categoricamente "por qual fenômeno as células escolhem no sangue os materiais que lhe são úteis".

Sem o concurso da nova Psicologia, a Ciência não poderá dar nenhum passo para a verdade.

A Filosofia, por seu turno, julga, com justas razões, que não pode haver vida intelectual sem a intervenção de uma força inteligente.

A nova Psicologia vem confirmar esse ditame filosófico, provando, até a evidência, a presença da alma, como potência diretriz da máquina humana.

As pesquisas anímicas com a larga contribuição que o Hipnotismo e o Magnetismo lhes proporcionam, desvendam arcanos ignorados da arcaica Ciência, que teima na

esperança de ser privilegiada. Os casos de clarividência - ou vista-dupla, de sonambulismo, de êxtase, de exteriorização da sensibilidade, de exteriorização da motilidade, do desdobramento, etc., vêm trazer o testemunho probativo da existência da alma, e, ainda mais, provam que o princípio anímico pode viver, ao menos temporariamente, independente do corpo físico.

Graças às experiências de Hipnotismo e Magnetismo, a noção da personalidade sofre completa revolução.

Já chegamos ao domínio dos fenômenos telepáticos, dos fatos de clarividência, vencendo as terríveis barreiras do ignorabimus.

Bem profetizou Aksakof, quando disse que: "o Hipnotismo forçaria as barreiras da Ciência Materialista, para fazer penetrar nela o elemento supra-sensível ou metafísico", pois terminaria fatalmente por compreender os fatos do Animismo e do Espiritismo, os quais, por sua vez, criaram a Metafísica Experimental, como predisse Schopenhauer.

Sobre o que se refere à existência da alma, não há mais que duvidar; ela está plenamente provada até pela chapa fotográfica. E todos esses fenômenos hodiernos, que trazem o testemunho dos grandes magnetizadores, como Du Potet, Charpignon, Lafontaine, Deleuse, Puysegur e outros, - e de todos os grandes cientistas, como William Crookes, Oliver Lodge, Myers, Lombroso, Foá, Gibier e mil outros, vêm corroborar os antigos fenômenos da lenda, narrados nos Livros Sagrados - casos de desdobramento ou bilocação, como o de Santo António de Pádua.

A alma não é, portanto, a resultante das funções neurocerebrais, mas uma individualidade absolutamente

distinta do corpo carnal; este não passa de um instrumento para que ela (alma) se manifeste no plano físico (1).

(1) Vide: O Espírito do Cristianismo - Exposição Preliminar, - Casa Editora O Clarim.

VI

Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade

Um dos capítulos mais interessantes nas pesquisas que fazemos da alma, é o que enfeixa fatos transcendentais, narrados por eminentes psicólogos e relativos à exteriorização da sensibilidade e da motricidade.

Esses fenômenos, observados por exigentes magnetizadores, foram estudados com real valor pelo Conde De Rochas, o Dr. Baraduc, e outros, que trouxeram valiosa contribuição para a construção do Templo Imortalista.

Vejamos em que consiste a exteriorização da sensibilidade.

Por aplicação de processos magnéticos usados por De Rochas, a sensibilidade do indivíduo se exterioriza, ficando disposta do seguinte modo:

Fora da pele, a três ou quatro centímetros, forma-se uma camada sensível. Em torno desta vai-se formando uma série de camadas equidistantes, separadas da primeira por um intervalo de seis a sete centímetros e sucedendo-se outras camadas até dois ou três metros; essas camadas vão-se penetrando e entrecruzando sem se modificarem. Se o sono hipnótico se acentua, as camadas sensíveis se condensam desde a terceira ou quarta fase de letargia, sobre dois pólos de sensibilidade, situados, um, à direita, e outro à esquerda do indivíduo. Depois, esses dois pólos acabam por reunir-se em um só; desde esse momento, a sensibilidade apreciável do indivíduo se transforma num "verdadeiro fantasma", capaz de distanciar-se do "corpo carnal", obedecendo à

ordem do magnetizador e atravessar obstáculos materiais, conservando a referida sensibilidade. Esse fantasma, bem como as diversas camadas sensíveis, são vistos perfeitamente pelos clarividentes, que os descrevem com precisão. Eles notam que a metade direita do corpo lhes parece azul, e a metade esquerda, avermelhada.

Essa exteriorização é patente, pois, tocando-se com alfinete à distância em que se acha a exteriorização, o sonâmbulo magnético acusa sentir dor, o que não acontece quando a sensibilidade está localizada no corpo carnal.

As investigações de Reichenbach sobre os "eflúvios ódicos" vêm, a seu turno, confirmar a veracidade dessas experiências, assim como os trabalhos do Dr. Baraduc, segundo os quais o "eu" não está estritamente submisso ao organismo, mas se irradia mais ou menos na sua periferia. Estas experiências podem, sem dúvida, explicar os casos de bicorporeidade ou desdobramento, que se têm verificado em todos os tempos, nos meios religiosos e profanos. Todos sabem muito bem que um dos casos que concorreram para a canonização de São Francisco de Sales, foi o fato de ter ele, que morava a mais de 200 quilômetros de Roma, assistido, em estado de desdobramento, aos últimos instantes do papa, tendo sido visto no Vaticano, próximo do leito mortuário; seu nome fez parte da ata respectiva.

Citamos este fato de relance, para não lembrar dezenas deles que se têm verificado.

Como se vê, pois, a exteriorização da sensibilidade e da motricidade pode efetuar-se por processo magnético, ou por processo natural, bem como por auto-sugestão, o que quer dizer que o "ser individual" não é um produto do trabalho

químico das células, mas completamente independente dessa ação orgânica.

Nos casos de exteriorização, como dissemos, o corpo permanece completamente insensível. Enquanto durar a ação exteriorizante, seja ela natural, como nos casos de sonambulismo e desdobramento espontâneo, seja artificial, como sob atuação hipnótica ou de anestésicos (éter ou clorofórmio), pode-se retalhar o organismo e nenhum sinal exterior de sensibilidade ele apresenta.

Mas, cessada a ação, cessa o efeito, a sensibilidade volta novamente e o paciente acusa as dores das picadas dos experimentadores.

Esse fato, segundo observação meticulosa do Prof. Carl du Prel, seria mais que suficiente para provar a existência da alma, do núcleo anímico, que, em certas e determinadas condições, se exterioriza, levando consigo a sensibilidade que, no dizer de Claude Bernard, "constitui o sinal da vida".

E é de ver que, com a retirada da sensibilidade do organismo, ela não se extingue, permanece incólume, tanto assim que reaparece ao cessar a causa de sua anulação, e reaparece tal como era, sem modificação alguma, apresentando a sua absoluta identidade primitiva.

E não se diga que estas considerações, que fazemos para demonstrar a existência da individualidade independente do seu invólucro carnal, seja uma simples dissertação filosófica com presunção de conclusão científica, porque as experiências de que tratamos obedecem ao mais estrito método experimental; os fatos por nós observados podem ser verificados a qualquer hora.

É que a sede de todas as sensações e percepções, muito longe de se encontrar no corpo, tem seu lugar no perispírito,

organismo psíquico que resiste à ação da morte e se mantém indestrutível às modificações físico-químicas.

VII

Efluviação Ódica

No capítulo passado falamos da exteriorização da sensibilidade e da motricidade, por processos magnéticos.

Cumpre-nos acrescentar agora que a ação do Magnetismo não se resume à simples sugestão pela palavra, como julgam os inscientes que usam de expressões sem sentido concreto, para afirmarem sabedoria no que desconhecem.

A ação magnética tem por fim concentrar e transmitir o fluido magnético, que é algo de poderoso, como são, por exemplo, os fluidos elétricos. Poder-se-ia dizer que o fluido magnético é um fluido elétrico atenuado e modificado pela vontade do operador.

As primeiras tentativas para a descoberta positiva, ou antes, objetiva, desse fluido, foram feitas pelo Comandante Darget, em 1883, e suas experiências foram repetidas pelo Dr. Baraduc. Os melhores processos empregados para a constatação do fluido magnético são os seguintes:

1.º - Colocar ambas as mãos dirigidas para a placa fotográfica, em plena obscuridade, durante quinze minutos de magnetização.

2.º - Colocar a placa sobre a fronte a 1 centímetro de distância, durante quinze minutos.

Estes dois processos são justamente os que estão mais isentos de objeções, e, por isso, são os que devem ser experimentados.

Conhece-se também o seguinte processo: após ter filtrado bem o banho revelador, põe-se o mesmo na banheira e nele se mergulha a placa fotográfica; esta, depois de haver sido banhada, de ter recebido o revelador, integralmente, é colocada em plena obscuridade, com o lado da gelatina para baixo e o vidro para cima (no banho); em seguida é magnetizada, pondo-se sobre ela as pontas dos dedos, durante quinze minutos.

Este modo de agir é sempre de bons resultados, mas não está livre de objeções, porque o próprio fluido magnético irradiado pelos dedos produz uma emissão turbilhonante, que modifica o revelador, ocasiona suspeitas e provoca objeções por parte dos inscientes.

Enfim, estas experiências, feitas com magnífico resultado, deram lugar a outras de maior importância ainda, nas quais se constataram fenômenos de alta significação espiritual.

A existência dos eflúvios está, pois, mais do que demonstrada:

- 1.º - Pelas descrições dos sujetos magnetizados.
- 2.º - Pelas afirmações dos sensitivos, acordados, de Reichenbach.
- 3.º - Pelas experiências do Dr. Maxwell.
- 4.º - Pelas experiências de De Rochas, controlando a existência e a cor do eflúvio por meio da eletricidade e do espectroscópio.
- 5.º - Por meio de fotografias espontâneas de duplos dos vivos.
- 6.º - Pelas efluviografias do Dr. Luys e outros pesquisadores.

Estes testemunhos são concordantes e vêm de observadores que trabalharam em condições diversas: os rigorosos resultados obtidos nos garantem a existência incontestável dos eflúvios, que escapam do organismo em certas condições.

Como se vê, o Espiritismo é um campo aberto a novos estudos de fisiologia, dos quais os senhores médicos não podem prescindir, sob pena de quererem persistir na ignorância dos novos descobrimentos, atitude sempre condenável, tanto mais que estas descobertas vêm dar uma nova extensão à Ciência, chamada, como disse Allan Kardec, para a constituição de uma nova Gênese.

VIII

Existência do Perispírito e Desdobramento da Personalidade

Desde que foi constatada a existência do perispírito, abriu-se novo campo de estudos da Vida, e a Moderna Psicologia, com os seus princípios de livre exame e suas recomendações de experimentação e pesquisa, veio ampliar os estudos que se faziam sobre a Vida, demonstrando, cabalmente, que a alma não é o produto, o resultado das funções nêuricas e cerebrais, mas, ao contrário, é a causa dessas funções, como o maquinista é o agente que faz funcionar a maquina, e o músico é o autor da melodia. Escreve Gabriel Delanne (1):

(1) *Vide: Evolução Anímica.*

"Na formação da criatura vivente, a vida não fornece, como contingente, senão a matéria do protoplasma, matéria amorfa, na qual é impossível distinguir o menor rudimento de organização, o mais pequeno indício daquilo que será o ser vivente. A célula primitiva é absolutamente a mesma em todos os vertebrados; nada indica em si que ela dará nascimento a tal indivíduo de preferência a tal outro, pois que a sua composição é idêntica para todos. Convém, portanto, admitir, aqui, a intervenção de um novo fator, que determine em que condições será construído o edifício vital. É ao perispírito que é necessário recorrer-se, porque ele contém em si o desenho determinado, a lei onipotente que servirá de regra inflexível ao novo organismo, e que lhe

designará, segundo o grau da sua evolução, o lugar que deverá ocupar na escala das formas"...

É preciso que fique bem esclarecida a existência do perispírito para se compreender com facilidade a imortalidade da alma.

O perispírito não é uma criação nova destinada a resolver dificuldades. Ele representa o corpo da alma, pois não se poderia conceber uma alma sem corpo. Esse organismo é conhecido dos antigos cristãos. São Paulo denominou-o corpo espiritual. Tertuliano diz que a corporeidade da alma é afirmada nos Evangelhos: *Corporalitas animae in ipso Evangelio relucescit*; e acrescenta: se a alma não tivesse um corpo, a imagem da alma não teria a imagem do corpo. "De Anima". (cap. 7, 8 e 9).

Santo Agostinho recebeu do Bispo Evódio, de Uzale, uma carta na qual este fazia referência a muitas aparições que havia visto, e para bem explicar a natureza desses fenômenos, que ele atribui às almas de defuntos, pergunta:

"Quando a alma abandonou esse corpo grosseiro e terrestre, não permanece a substância incorpórea unida a algum outro corpo, não composto dos quatro elementos como este, porém mais sutil, e que participa da natureza do ar ou do éter? Acredito que a alma não poderia existir sem corpo algum". "Obras de Santo Agostinho, f. 2.º".

São João de Tessalônica, fez a seguinte declaração no 2.º concílio de Nicéia (787): "Sobre as almas, a Igreja decide que são, na verdade, seres espirituais, mas não completamente privados de corpo, ao contrário, de um corpo tênue, aéreo ou igneo".

Mas não é só o testemunho dos ilustres doutores que podemos lembrar, pois todos os psicólogos antigos e

modernos têm feito referências ao corpo que envolve a alma, dando-lhe somente um nome diferente do que usamos, de acordo sempre com o idioma que usavam: em hindu, Linga-Sharira; em hebraico, Nephes; em egípcio, Ka ou Bai; em grego, Ochéma. Pitágoras nomeava-o Eidolon ou carro sutil da alma; Cudworth (filósofo inglês), mediador plástico; os ocultistas e teosofistas chamam-no corpo astral.

Com a constatação desse corpo a Ciência deu um grande passo, pois agora se explica magnificamente o mistério da forma específica do indivíduo, o desenvolvimento embrionário e pós-embrionário, a constituição e a manutenção da personalidade, as reparações orgânicas e todos os outros problemas gerais da Biologia, que a idéia diretriz de Claude Bernard, espécie de entidade metapsíquico-biológica, tornava incompreensíveis e confusos.

A resolução do problema da vida, como o da morte, depende, exclusivamente, do estudo do perispírito, cujas provas são tão abundantes que podem ser até demonstradas pela fotografia.

Os leitores talvez conheçam os trabalhos do Comandante Darget, do Dr. Baraduc e do Conde De Rochas, que põem em foco o duplo humano.

As provas apresentadas por estes investigadores são positivas e não admitem contestação.

Enfim, a bilocação dos médiuns é um fato digno de estudo. A este respeito, o *Spiritualist*, de 1875, publicou um caso muito interessante, que o Dr. Gabriel Delanne aproveitou para ilustrar uma das suas obras.

Eis a narrativa:

"Um negro chamado H. E. Lewis possuía grande força magnética, da qual fazia exibição em reuniões públicas. Em Blackeat, no mês de fevereiro de 1856, numa dessas sessões, ele magnetizou uma moça a quem nunca tinha visto. Depois de a ter mergulhado em sono profundo, ordenou-lhe que fosse até a casa dela e que, em seguida contasse ao público aquilo que tivesse visto. Ela declarou, então, que via a cozinha e que aí se achavam duas pessoas ocupadas em trabalhos domésticos.

Lewis mandou que tocasse numa dessas pessoas. A rapariga começou a rir e disse: "Toquei-as, porém elas estão com muito medo!"

Voltando-se para o público, Lewis perguntou se alguém conhecia a rapariga. Sendo-lhe respondido afirmativamente, propôs que uma Comissão fosse ao seu domicílio. Diversas pessoas prontificaram-se a isso, e, quando voltaram, confirmaram em todos os pontos o que a rapariga havia dito.

A casa estava efetivamente numa balbúrdia e em profunda excitação, porque uma das pessoas, que se achavam na cozinha, declarara ter visto um fantasma, e que este lhe tocara o ombro".

Inúmeros casos destes são relatados nos anais do Psiquismo. Haja vista Santo Antônio de Pádua, aparecendo em Lisboa para livrar seu pai da forca.

O Senhor Brackett, investigador muito prudente e céptico, assim se exprime quando trata de dar o seu testemunho a fatos de igual jaez: "Vi centenas de formas materializadas; em muitos casos, o duplo da médium era tão parecido, que eu teria jurado ser ele o próprio médium, se não tivesse visto este duplo desmaterializar-se à minha vista,

e, imediatamente depois, verificada que o médium estava adormecido".

Um caso mais recente foi noticiado pela Revue Spirite; passamo-lo para estas páginas, a título de curiosidade:

"Um bispo sueco, visitando as igrejas da Lapônia, encontrou um mágico lapão, a quem repreendeu por espalhar a superstição, utilizando-se de suas faculdades à procura de objetos roubados, desaparecidos, etc. O mágico resolveu propor uma experiência, e o bispo pediu-lhe que dissesse o que fazia naquele momento, sua família em Upsala.

Então o lapão mergulhou num êxtase tal, que o médico chamado ficou inquieto pela sua vida, visto que parecia estar sem consciência, como morto.

Meia hora depois, voltou ao seu estado normal e disse ao bispo que sua senhora e uma menina, naquele momento, escamavam um peixe na cozinha, em Upsala.

Para demonstrar bem que seu duplo tinha estado lá, em casa do bispo, pegou no anel da senhora, que ela tirara do dedo para preparar o peixe, e escondeu-o no caixote de carvão, na cozinha.

Quando chegou a Upsala, o bispo fez-se acompanhar de testemunhas e dirigiu-se imediatamente à cozinha, encontrando o anel precisamente no lugar indicado pelo lapão.

A senhora confirmou que, de fato, naquele dia e hora, estava a arranjar um peixe, para o que havia tirado, do dedo, a aliança de casamento, tendo a perdido. Ela e a criada tinham visto um lapão (coisa rara em Upsala) de pé na cozinha, sem que o tivessem sentido entrar, e o qual desaparecera misteriosamente.

A visão fora tão real, que ela se dirigira à polícia a queixar-se do lapão pela falta do anel, ao que a polícia respondera não ter podido encontrar, em Upsala, o menor vestígio do lapão, presumido ladrão".

Parece claro que, se ainda vivo, o homem pode ser visto fora do seu corpo, é que a sua personalidade não consiste somente nesse corpo. Melhor testemunho da existência da alma revestida de seu corpo psíquico, ou perispírito não pode existir, além de que, como já vimos, a fotografia constata a veracidade desse princípio.

IX

O Perispírito e suas Propriedades Funcionais

O perispírito é o órgão por excelência da alma. Ele vem resolver todas as dificuldades aparentes, explicando perfeitamente a vida. Só por ele a memória pode ter explicação razoável, assim como todo o movimento de agregação e desagregação, de fluxo e refluxo da matéria de que é constituído o corpo carnal, com a sua organização e reorganização de tecidos.

O perispírito é o conservador da forma e do equilíbrio vital; é ele que mantém a tonalidade do organismo, além das propriedades psíquicas que lhe são peculiares.

Além de tudo, o perispírito não está em ação unicamente quando unido ao corpo carnal; mantém-se pronto a funcionar logo que se desembaraça do corpo físico.

Esta afirmação nada tem de estranha, quando consideramos a vida do feto no seio materno, onde é dotado de todos os órgãos, sem que, entretanto, se utilize da maioria deles. Inativos durante a vida pré-natal, os órgãos só começam a funcionar no momento do nascimento do ser, e sua ação só se estabiliza com o desenvolvimento completo do indivíduo.

Parece que a luta pela existência é que proporciona o funcionamento dos órgãos inativos, mas existentes no seio materno. Primeiro são os órgãos vocais, depois os visuais; o estômago começa a trabalhar, os pulmões a respirar; os braços, as pernas e assim por diante, até que o cérebro entre

em vibrações para a rude tarefa da vida em prol da perfeição espiritual.

Uma comparação bem lembrada relativa ao problema filosófico e biológico, aplicável ao perispírito, é a metamorfose da lagarta.

Allan Kardec já se havia utilizado dessa imagem que, certamente, não pode ser tomada ao pé da letra, para dar uma idéia do espírito revestido do seu invólucro corporal na vida terrestre, e do seu invólucro psíquico, na vida futura: "a lagarta encerrada na crisálida e depois renascida como borboleta, senhora dos ares".

Essa analogia nos faz lembrar a descrição que o inglês-australiano Sr. J. Brown fez, do que vira sua filha, por ocasião da morte de um filho:

Ao lado do leito do moribundo, ela descrevia a seu pai a separação entre a alma e o corpo, pouco mais ou menos como o descreveu Jackson Davis.

Sem o Espírito revestido do respectivo invólucro, que adquire propriedades funcionais (1), à medida que os seres passam, gradativamente, do animal inferior ao homem, o transformismo não passa de concepção abstrata, ao passo que, com a idéia do perispírito, tudo se concilia e melhor se esclarece, pondo nos devidos termos a explicação materialista da hereditariedade, influência do meio, etc.

(1) *Vide: Evolução Anímica e o Espiritismo Ante a Ciência, de Gabriel Delanne.*

O conhecimento do perispírito vem, pois, trazer-nos os seguintes esclarecimentos: 1.º - O Espírito não é um produto dos nervos e do cérebro, pois preexiste, sobrevive e manifesta-se após a desagregação desses órgãos; 2.º - Possui um organismo fluídico, que o envolve durante a vida carnal e o individualiza ainda após à separação do corpo material; 3.º

- Explica a conservação do tipo individual, apesar da renovação incessante de todas as moléculas; 4.º - Explica a reparação das partes lesadas; 5.º - Explica o equilíbrio das funções vitais apesar da renovação das células.

Além de todas essas considerações, poderíamos acrescentar que só com o auxílio do perispírito se poderão explicar as manifestações do inconsciente, tantas vezes constatadas nas sessões experimentais do nosso tempo e por todos os magnetizadores que souberam penetrar nos refolhos da psique humana.

X

O Perispírito nos Seres Inferiores

Assim como cremos, piamente, na existência da alma humana, após acurados estudos e provas demonstrativas, que temos recebido em abundância, cremos também na existência da alma animal, ou seja, na existência de um principio anímico que se revela subjetiva e objetivamente nos seres inferiores. E este principio, como acontece no reino hominal, tem uma forma "orgânica", característica, que podemos, pelo mesmo modo, denominar - perispírito.

Não só o homem é dotado desse órgão, necessário às funções que exerce; todos os animais mantêm essa idéia diretriz, que é de indispensável utilidade fisiológica.

O cão, o gato, o cavalo, o tigre, o leão, os pássaros, os peixes, os quadrúpedes de toda espécie, os répteis, até os mais insignificantes insetos, todos são dotados desse organismo, que existe neles ainda invisível para nós e que designa em cada parte e a cada elemento, seu lugar, sua estrutura e suas propriedades. É uma como tela vital que representa o desenho ideal de um organismo. Esse organismo é suscetível de progresso, estando, portanto, sujeito à lei do transformismo, de acordo sempre com a evolução da alma ou do espírito que o reveste. O animal terrestre morre, o seu corpo se decompõe, mas a alma sobrevive inteira, completa, conservando a memória das suas existências passadas. É no perispírito que se gravam, pois, todas as lembranças.

Estas considerações têm por fim deixar ver que, na Outra Vida, encontraremos espíritos de animais, como de seres que já pertencem, pelo seu grau de evolução espiritual, ao reino hominal.

A prova desta afirmação está nas aparições dos animais, constatadas nos anais do psiquismo. O Sr. Ernesto Bozzano chegou a reunir avultado número dessas manifestações póstumas em seu livro denominado *Animali e Manifestazioni Metapsichiche*.

Conquanto grande parte desses espíritos permaneça pouco tempo no Mundo Espiritual, sendo, pouco depois de desencarnados, dirigidos por Espíritos Superiores para tomarem novas encarnações, como disse Allan Kardec, os mais evoluídos podem permanecer por mais tempo na Outra Vida, até ulterior deliberação dos Espíritos dirigentes, ocasião em que tomam novos corpos, de acordo, sempre, com o seu grau de adiantamento, passando, então, o perispírito de cada um por transformações adequadas à espécie em que vêm viver.

Nossa humilde obtinha não comporta a reprodução de relatos que bem orientem os leitores sobre essas aparições de animais, mas vamos escolher dois ou três para exemplo. Este primeiro relato, extraído da revista *Light*, vem assinado peio psiquista inglês Sr. Peters:

"No que concerne à sobrevivência dos animais, observei um fato curioso, antes de me tornar espiritualista. Eu estava doente e recebia habitualmente a visita de um gato, que pertencia à proprietária da casa em que eu residia. Cada tarde, um pouco antes da completa obscuridade, ele vinha ao meu quarto, dava uma volta com um ar solene, depois saía novamente. Um dia me disseram que o gato tinha morrido,

mas essa notícia fugiu-me da memória e, cada tarde, o gato vinha como de costume. Entretanto, uma noite eu me lembrei, de repente, que o gato estava morto. Como nessa época eu nada sabia dos fatos psíquicos, e como via o gato distintamente, pensei que o sofrimento me havia deixado louco, mas no fim de algum tempo deixei de receber a visita do gato.

De outra vez, achava-me numa reunião de família e estava em plena conversação com um dos meus hóspedes, quando vi, de repente, um grande cão; este parecia tão real, que o descrevi com pormenores e meu hóspede o reconheceu: tratava-se de um cão estimado, que fora de sua família".

*

Mme. Agullana, em seu livro *La Vie Vécue d'un Médium Spirite*, narra outro caso muito interessante. É o seguinte:

"Eu estava em Condons, no escritório de M. T. conversando com este e sua senhora, quando tive uma visão singular que narrei ao casal. Eu lhes disse que via um Espírito, um senhor, personagem que lhes descrevi. No mesmo instante, apareceu-me um cão cuja cor e aparência eu narrei. Ele percorreu a loja do sr. M. T. e passou entre louças e porcelana. A cada momento o tal senhor dizia: "Vem aqui, Médor!", como se estivesse crente de que o cão pudesse quebrar algum objeto.

Este senhor era morto há 8 anos, disse-me M.T.. Era um dos seus melhores amigos, e fora para ele como um irmão.

Quanto ao cão, era, de fato, do tal senhor, chamava-se Médor e morrera havia um ano aproximadamente".

*

O Sr. Robert Austin publicou na North Somerset Gazette o seguinte, cuja veracidade ele afirma:

Seu pai, o Juiz Austin, era conhecido amador de cães e possuía um, espanhol, que lhe tinha grande afeição. Era seu companheiro inseparável. O cão, depois de certo tempo, morreu; uma semana após, o Juiz Austin estava em casa de um amigo, em Clifton, com o qual palestrava. Quando se despediu e ia saindo, uma moça escocesa, que se achava então na casa, perguntou quem era esse senhor acompanhado de seu cão. A dona da casa respondeu que era o Juiz Austin, mas acrescentou que ele não tinha cão algum consigo. Ela respondeu que estava vendo distintamente, com ele, um cão, e descreveu exatamente o aspecto de um velho cão espanhol e mesmo a sua atitude peculiar para com seu dono, que era a mesma que tinha, quando vivo, com o Juiz Austin. Narrando o caso o sr. Austin disse: "Vós podeis pensar o que quiserdes deste caso, mas ele é verídico".

*

Os casos de aparições de cães, cavalos, gatos, bois, etc., são bem numerosos, e vêm provar a sobrevivência animal. Esses seres, como dissemos, manifestam-se com o seu corpo psíquico - ou perispírito.

A imortalidade é a prerrogativa dos seres, desde a mais ínfima à mais elevada na escala da criação, e esses espíritos,

quanto mais evoluídos forem, mais tempo permanecerão no Mundo Invisível, para prová-lo. Daí vem a afirmação dos Espíritos reveladores: "O nosso Mundo é povoado de entes humanos e animais; mas os nossos animais são muito mais belos e inteligentes do que os vossos".

A continuidade da vida é proclamada pelo Espiritismo de modo racional e lógico, e, por ele, compreendemos que não haveria razão para o sofrimento se a existência se limitasse à Terra. O mal e as dores, em face da imortalidade se tornam perfeitamente explicáveis pela condição de inferioridade e necessidade de progresso do Espírito.

Podíamos também enumerar casos sobre a faculdade telepática nos animais, mas deixamos este estudo a cargo dos leitores, mesmo porque o nosso escopo, ao compor este capítulo, foi o de demonstrar a existência do perispírito também nos seres inferiores da criação, para bem compreendermos a existência de espíritos de animais no Outro Mundo.

XI

O Mistério da Morte

A morte é o grande mistério que tem ensombrado as gerações, a esfinge devoradora das almas, o titã invencível, o hiante absorvedor de todas as luzes, o obscurecedor das inteligências, o indecifrável enigma das religiões.

Não foi sem razão que o Apóstolo Paulo, o doutor dos gentios, disse que o maior e o mais terrível inimigo que teríamos de vencer, era a morte. Quando a pusermos sob o tacão das nossas botas, poderemos, então, entoar o grande hino da vitória: "ó morte! onde está teu aguilhão? Ó morte! onde está tua vitória?"

Pois bem, esse mistério, indecifrável para as religiões; esse inimigo que os sacerdotes não ousaram enfrentar; essa esfinge que causa pavor aos crentes de todas as Igrejas, que se limitam a cantar para as suas vítimas o *De profundis*, é que o Espiritismo veio enfrentar e desvendar, mostrando-se já vitorioso na grande luta.

O que é a morte? No que consiste esse fenômeno, que muitos julgam ser o aniquilamento da vida? Como se produz ela?

Quem poderá responder a estas terríveis interrogações?

Qual a ciência, a filosofia, a religião capaz de enfrentar essa questão? Qual nos dá, positivamente, a solução para este mistério?

O Espiritismo, mas tão somente o Espiritismo, exclusivamente o Espiritismo!

Para saber o que se passa no momento da morte, como se desenrola esse fenômeno, podemos recorrer à descrição de muitos clarividentes, que observaram a crise da morte, assistindo a moribundos.

Vamos reproduzir os testemunhos de alguns deles. O mais notável de todos foi um grande cultor do Espiritismo em seus primórdios, e que nos legou obras de inestimável valor: Andrew Jackson Davis. Essas obras, publicadas em inglês, constam de cinco volumes, que se vendem separadamente e encerram cada um, uma especialidade: O Médico, O Professor, O Reformador, O Pensador, e O Vidente.

Nesta última é que se encontram as pesquisas de Jackson Davis, "no leito da morte". Davis era dotado de poderosos dons psíquicos e duma espécie de segunda-vista, que se denomina clarividência; além de tudo possuía grandes conhecimentos médicos. Eis alguns trechos do seu livro O Vidente:

"A morte é uma modificação - não da personalidade, mas da constituição dos princípios superiores do ser humano".

"Tudo quanto vive se transforma, e cada transformação é acompanhada de uma morte aparente; nunca, porém, há extinção de vida ou destruição de um princípio material ou espiritual no Universo. Assim, se modifica ou se desenvolve um germe qualquer, oculto na Terra; morreu sua forma primitiva e seu modo de existência aparente; porém, depois dessa morte aparente, brota do germe uma nova organização ou um novo corpo".

"As minhas faculdades de vidente permitiram-me estudar o fenômeno psíquico e fisiológico da morte à cabeceira duma agonizante. Era uma senhora de cerca de sessenta

anos, a quem freqüentemente eu prestara cuidados médicos. Quando soou a hora da morte, achava-me eu, felizmente, em perfeito estado de saúde, o que permitia o pleno exercício de minhas faculdades de vidente. Coloquei-me de modo a não ser visto ou interrompido nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar os misteriosos processos da morte.

"Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual; diversos órgãos internos pareciam, porém, resistir à partida da alma. O sistema muscular procurava reter as forças motrizes. O sistema vascular debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava quanto podia para impedir o aniquilamento dos sentidos físicos; e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à separação absoluta.

Estes conflitos internos pareciam, a princípio, produzir sensações penosas e perturbadoras. Foi com satisfação que percebi que tais manifestações físicas indicavam - não a dor ou o sofrimento, mas apenas a separação da alma do organismo.

"Pouco depois, a cabeça ficou cercada duma atmosfera brilhante; em seguida, de repente, vi o cérebro e o cerebelo estenderem suas partes interiores e suspenderem o exercício de suas funções galvânicas, tornando-se saturados de princípios vitais de eletricidade e magnetismo, que penetravam nas partes secundárias do corpo. Por outras palavras: o cérebro e o cerebelo estenderam suas partes interiores para além do estado normal.

"Esse fenômeno precede invariavelmente à dissolução física.

"Constatei, depois, o processo por meio do qual o Espírito se destaca do corpo. O cérebro atraiu os elementos de eletricidade e de magnetismo, movimento, vida e sensibilidade espalhados em todo o organismo. A cabeça como que se iluminou, e, ao tempo que as extremidades do corpo se tornavam frias e obscuras, o cérebro tomava um brilho particular.

"Em torno dessa atmosfera fluídica, que cercava a cabeça, vi formar-se outra cabeça, que se desenhava cada vez mais nitidamente. Tão brilhante era, que eu mal podia fitá-la, à medida, porém, que ela se condensava, desaparecia a atmosfera brilhante. Deduzi daí que esses princípios fluídicos que tinham sido atraídos pelo cérebro, de todas as partes do corpo, e eram, então, eliminados sob a forma de atmosfera particular, antes se achavam somente unidos, segundo o princípio superior de afinidade do Universo, que se faz sempre sentir em cada parcela da matéria.

"Com surpresa e admiração, segui as fases do fenômeno.

"Do mesmo modo porque a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, vi formarem-se, sucessivamente, o pescoço, os ombros, o tronco, enfim, o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se evidente, para mim, que as partes intelectuais do ser humano são dotadas duma afinidade eletiva que lhes permite reunirem-se no momento da morte. As deformidades e os defeitos do corpo físico tinham, quase inteiramente, desaparecido do corpo fluídico.

"Enquanto esse fenômeno espiritualista se desenvolvia diante das minhas faculdades particulares, aos olhos materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da moribunda parecia experimentar sintomas de sofrimento, os quais eram fictícios, pois, apenas provinham da partida das

forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo para se concentrarem no cérebro e, depois, no organismo novo.

"O Espírito (ou inteligência desencarnada) elevou-se verticalmente acima da cabeça do corpo abandonado; porém, antes da separação final do laço, que por tanto tempo reuniu as partes intelectuais e materiais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se sobre a cabeça da moribunda e sob o novo corpo fluídico.

"Deu-me isto a convicção de que a morte é apenas um renascimento do Espírito, que se eleva dum grau inferior a um estado superior, e que o nascimento dum criança neste mundo e a formação dum Espírito no outro, são fatos idênticos; nada realmente faltava no fato que eu observava para que o símile fosse completo, nem mesmo o cordão umbilical, que era figurado por um laço de eletricidade vital. Por algum tempo subsistiu esse laço entre os dois organismos.

"Descobri então (o que não notara ainda nas minhas investigações psíquicas) que uma pequena parte do fluido vital voltava ao corpo material, logo que o cordão ou liame elétrico se quebrava.

"Este elemento fluídico, ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impedia a dissolução imediata do corpo.

"Não é prudente enterrar o corpo antes de começar a decomposição. Muitas vezes, antes da inumação, o cordão umbilical fluídico, de que falei, ainda não está quebrado. E por isso que pessoas que parecem mortas voltam à vida no fim de um ou dois dias e narram as sensações que experimentaram. Esse estado foi denominado letargia, catalepsia, etc.

"Quando, porém, o Espírito é detido no momento em que deixa o corpo, raramente se recorda que se passou. Este estado de inconsciência pode parecer semelhante ao aniquilamento, quando observado superficialmente, e, muitas vezes, se recorre ao argumento que resulta dessa como que obliteração momentânea da memória, para negar a imortalidade da alma.

"Logo que se desprende dos laços tenazes do corpo, o Espírito da pessoa que eu observava, constatei que o seu novo organismo, fluídico, era apropriado ao seu novo estado, mas que o conjunto se assemelhava à sua aparência terrestre. Não pude saber o que se passava na inteligência que revivia; observei, porém, a sua calma e a profunda admiração que lhe causava a dor daqueles que choravam em volta do seu corpo.

"Pareceu-me que compreendeu, por fim, que essas pessoas ignoravam o que realmente se passara.

"As lágrimas e as lamentações excessivas dos parentes e amigos, só provêm do ponto de vista falso em que se coloca a maioria dos homens, isto é, da crença materialista de que tudo finaliza com a morte do corpo.

"Pelas minhas experiências, posso afirmar que, quando a pessoa morre naturalmente, nenhuma sensação penosa experimenta o Espírito.

"O período de transformação, que acabo de transcrever, dura cerca de duas horas, tempo que não é o mesmo para todos os entes humanos. Se pudésseis ver com os olhos psíquicos, perceberíeis, perto do corpo rijo, uma forma fluídica tendo a mesma aparência que o ente humano que acaba de morrer; porém, essa forma é mais bela e está como que animada de uma nova vida mais elevada".

Este testemunho seria suficiente para fazer desaparecer nossas apreensões e nos revelar, com clareza singular, o mistério da morte; mas vamos aproveitar a oportunidade para apresentar aos leitores mais dois testemunhos admiráveis de pessoas honradas e dotadas das mesmas faculdades mediúnicas.

A primeira é o de Mrs. Florence Marryat, que escreve o que segue no seu livro *The Spirit World* (O Mundo dos Espíritos):

"Conto, entre os meus caros amigos, uma jovem, pertencente à alta classe da aristocracia, dotada de maravilhosas faculdades mediúnicas. Teve ela, há alguns anos, a infelicidade de perder sua irmã mais velha, então com vinte anos, em conseqüência de uma forte pleurisia.

"Edith (designarei por este nome a jovem médium), não quis afastar-se um só instante da cabeceira de sua irmã, e, aí, em estado de clarividência, pôde assistir ao processo de separação do Espírito, da parte material. Contava-me ela que a pobre doente, em seus últimos dias de vida terrestre, tinha-se tornado inquieta, sobre-excitada, delirante, voltando-se, incessantemente, no leito, e pronunciando palavras sem sentido. Foi então que Edith começou a perceber uma espécie de ligeira nebulosidade, semelhante à fumaça que, condensando-se gradualmente acima da cabeça, acabou por assumir as proporções, as formas e os traços da irmã moribunda, de modo a se lhe assemelhar por completo. Essa forma flutuava no ar, a pouca distância da doente.

"A medida que o dia declinava, a agitação da enferma minorava, sendo substituída, à tarde, por prostração profunda, precursora da agonia.

"Edith contemplava, avidamente a irmã: o rosto tornara-se lívido; o olhar se lhe obscurecera, mas, ao alto, a forma fluídica purpureava-se e parecia animar-se gradualmente com a vida que abandonava o corpo.

"Um momento depois, a moça jazia inerte e sem conhecimento sobre os travesseiros, mas a forma transformara-se em Espírito Vivo. Cordões de luz, no entanto, semelhantes a florescências elétricas, ligaram-se ainda ao coração, ao cérebro e aos outros órgãos vitais.

"Chegando o momento supremo, o Espírito oscilou algum tempo de um lado para outro, para vir, em seguida, colocar-se ao lado do corpo inanimado: ele era, em aparência, muito fraco e mal podia suster-se.

"E enquanto Edith contemplava esta cena, eis que se apresentaram duas formas luminosas, nas quais reconheceu seu pai e sua avó, mortos ambos nessa mesma casa. Aproximaram-se do Espírito recém-liberto, romperam os cordões de luz que o ligavam ainda ao corpo e, apertando-o nos braços, dirigiram-se à janela e desapareceram".

O outro testemunho é a de William Stainton Moses, pastor da Igreja Anglicana e um dos mais célebres médiuns. Eis o que ele publicou na Revista Inglesa Light:

"Tive, recentemente, e pela primeira vez na vida, ocasião de estudar os processos de transição do Espírito. Aprendi tantas coisas dessa experiência, que me louvo por ser útil a outros, contando o que vi... Tratava de um próximo parente meu de quase 80 anos... Eu tinha percebido, por certos sintomas, que o seu fim estava próximo, e corri para preencher meu triste e último dever. Graças aos meus sentidos espirituais, podia verificar que, em torno e acima de seu corpo, se formava a aura nebulosa com a qual o Espírito

devia preparar o seu corpo espiritual; e percebia que ela ia aumentando de volume e densidade, posto que submetida a maiores ou menores variações, segundo as oscilações experimentadas na vitalidade do moribundo.

"Pude, assim, notar que, por vezes, um ligeiro alimento tomado pelo doente, ou uma influência magnética desprendida por pessoa que dele se aproximava, tinha como resultado avivar momentaneamente o corpo.

"A aura parecia, pois, continuamente em fluxo e refluxo. Assisti a esse espetáculo durante doze dias e doze noites e, se bem que ao sétimo dia já o corpo tivesse dado sinais da sua iminente dissolução, a flutuação da vitalidade espiritual, em via de exteriorização, persistia. Pelo contrário, a cor da aura tinha mudado, essa última tomava, além disso, formas cada vez mais definidas, à medida que a hora da libertação se aproximava para o Espírito.

"Vinte e quatro horas, somente, antes da morte, quando o corpo jazia inerte, foi que o processo da libertação progrediu. No momento supremo vi aparecer em formas de "anjos de guarda", que se chegaram ao moribundo, e, sem nenhum esforço, separaram o Espírito do corpo consumido. Quando, enfim, se quebraram os cordões magnéticos, os traços do defunto, nos quais se liam os sofrimentos experimentados, serenaram completamente e se impregnaram de inefável expressão de paz e de repouso".

A morte, como se vê, nada mais é que uma crise, mudança para um outro estado, uma passagem da vida matéria para a vida do Espírito, das trevas para a luz, da aparência para a realidade.

XII

No Outro Lado da Morte

Da importante revista inglesa *Beyond* colhemos a seguinte mensagem espírita, que é do nosso dever adicionar a esta obra, pois, se acha de plena conformidade com o que sabemos sobre a vida no outro mundo. Apreciem-na os leitores:

"Consigo estar agora mais perto de ti do que há um ano atrás, e passo ver as coisas mais detalhadamente. Tenho estado contigo diversas vezes, quando, talvez, não o suspeitavas, e apanhei teus pensamentos sobre diversos assuntos. Estive a teu lado quando te divertias com aqueles belos jogos; presente estava teu tio e ambos nos regozijamos com o jogo. Aqui também nos divertimos, nós que para isso temos inclinação. Esta é uma vida absolutamente natural, com todos os melhores elementos da Terra, excluídos os elementos heterogêneos (contrários), e com muito mais vasta capacidade de gozo. Isto torna os acontecimentos, mais ordinários e de todos os dias, cheios de delícia e dá à vida aquele frescor que promana da sensação de eterna juventude, que todos nós sentimos e do conhecimento de nossos poderes crescentes.

"Aqui sentimos o desdobrar de nossas faculdades, somente com uma sensação de prazer e de admiração. A antiga sensação de esforço e de constrangimento, bem como depressão após a queda, não existe mais, porque há tantas coisas belas a fazer e mirar e temos grande coragem e esperança, bem assim um seguro sentimento de alcançarmos

sucesso em todos os nossos empreendimentos, no sentido de aprimorar o nosso caráter. Se me fosse possível comunicar-te somente uma pequena parte dessa sensação, estarias apto a realizar as coisas com mais entusiasmo e veemência".

SAÚDE E ENTUSIASMO PERFEITOS

"Naturalmente, devido à nossa saúde perfeita, tudo nos parece favorável. Fazer tanto quanto se queira, sem sentir fadiga, é um grande prazer, e, também, temos tempo para tudo, em abundância, para todas as coisas. Não há precipitação ou pressa; sempre uma perfeita sensação de segurança relativamente ao tempo, bem como a respeito de qualquer coisa. Naturalmente desejamos assistir a reuniões importantes ou conferências, quando elas se realizam, mas se não for possível estar presente em certo dia, podemos, facilmente, satisfazer nossos desejos depois, e se não for possível hoje, então, sêlo-á amanhã. Aquela radiante sensação de dias intermináveis para coisas intermináveis, unida à sensação de eterna juventude, saúde perfeita e entusiasmo. torna a vida realmente digna de ser vivida. Certamente há aqui pessoas que não tiveram um temperamento desejoso por natureza, ou não o desenvolveram quando na Terra; porém, são um tanto parecidas aos frívolos, aos quais nada oferece verdadeiro prazer. Essa sorte de natureza acha difícil a adaptação, e penso que se torna necessária outra vida terrestre para alterar semelhante temperamento".

CARACTERÍSTICOS INESPERADOS

"Quando aqui chegamos, sentimos que temos toda a sorte de característicos inesperados e dons que só sentíamos obscuramente quando na Terra e, daí, vemos que podemos escolher qualquer carreira interessante de trabalho, impelindo-nos para frente ao longo daquela linha particular, ou, se assim o desejardes, desenvolvendo, em completa perfeição, o florescimento daquele pequenino botão que rebentou no passado e que está dentro do caráter de cada um.

"Isto nos dá o mais formoso sentimento de grandes responsabilidades, independência e poder para empreender qualquer espécie de trabalho ou divertimento a que nos sentimos inclinados.

"Sabes quantas vezes, na Terra, desejei dedicar-me à pintura; mas, faltava-me o dom; vejo agora que o possuía, adquirido no passado, de modo que, agora, se o desejasse, eu poderia tornar-me um célebre artista numa outra vida terrestre. A mim tudo isso desperta um desejo maior do que a meu pai, que não tem o mesmo pendor, e que antes está mais ligado à Ciência, conquanto, na vida física, passada, não tivesse oportunidade de desenvolvê-la. Agora ele está grandemente interessado, em companhia de grandes cientistas, e, devido ao seu entusiasmo nessa direção, absorveu rapidamente grande quantidade de conhecimentos, e, agora, em nova existência terrestre, poderia ser um sábio de primeira ordem e fazer conferências primorosas a auditórios terrestres. Ele tem vastos conhecimentos dos reinos animal, vegetal e mineral, porque também aqui a alma de qualquer ser está vivamente representada. Há maravilhosas rochas, cristais de rocha, jóias, ouro e prata, somente usados pela sua beleza e não desmoralizados, como meio de corrupção, como acontece na Terra".

CONSTRUÇÕES CELESTES

"Algumas pessoas se comprazem em fazer casas dessas coisas encantadoras. Temos maravilhosos edifícios, salas para conferências e assim por diante, que são admiráveis de serem vistos, como essas visões que o Evangelista João descreve nas Revelações, com paredes de pedras preciosas, portões de perolas e ruas de ouro.

"Esses lugares maravilhosos são muito interessantes para serem visitados, como, na Terra, se vai ver belos e notáveis palácios; naturalmente os daqui são muito mais belos para conferências, reuniões e música do que qualquer edifício por mim visto na Terra. Para mim, porém, as belezas naturais das árvores, montanhas, flores e rios, que são todos tão perfeitos, dão mesmo mais encanto e eu sempre gosto de procurar esses lugares gloriosos da Natureza, quando me sinto inclinado a ficar pesaroso, como algumas vezes me acontece. O admirável e agradável efeito da luz através das árvores, ou brilhando sobre as ondas prateadas de gloriosos mares, ou brincando nos rios, como nunca tive a dita de ver na Terra, é tudo tão maravilhoso! Os rios são gloriosos, tão perfeitamente puros e incorruptos, que dentro deles, podemos andar, sentar na água e senti-la cobrir-nos e dela sairmos refrescados e revigorados, e, ainda mais, a água, evaporando-se em contato com o brilho solar, não deixa sensação nenhuma desagradável.

"Tudo isto é tão delicioso que só afago um desejo: a vossa participação em tudo que desperta o prazer de viver intensamente a vida celeste".

XIII

Perturbação da Morte

Toda transformação ocasiona uma perturbação; uma simples mudança, seja de uma cidade para outra, seja unicamente de residência, não deixa de causar uma desorganização psíquica que só cessa com a adaptação ao novo meio.

A personalidade não mudou, nada perdeu, continua a ser a mesma, mas sofreu a sua desagregação do meio em que se achava e lutou para se acostumar e poder agir no meio para onde se transferiu.

Naturalmente, nesses trâmites por que passou, a pessoa teve contrariedades e sofreu.

Pensemos agora na transição provocada pela morte e façamos uma idéia em relação incomparavelmente superior às insignificantes mudanças - seja de residência, seja de cidade ou de país. Acrescente-se ainda a desagregação do corpo físico e poder-se-á ter uma idéia do que seja a perturbação da morte: 1.º - mudança de meio; 2.º - mudança de condições de vida; 3.º - mudança de meio de ação.

Entretanto, apesar de todas essas mudanças, a individualidade permanece, como permaneceu a mesma individualidade durante todas as mudanças que fez - de casa em casa; de cidade em cidade; de um para outro país. O homem é imperecível nas trocas que faz de residência, nas suas transferências de um país para outro; o Espírito, que é a individualidade permanente, é imortal na sua transformação

e passamento para o Outro Mundo, tendo unicamente o trabalho de se adaptar a uma vida nova, muito diferente daquela vivida na Terra e ainda com o acréscimo de não mais possuir um corpo denso, material, que "não podia" dispensar para agir neste mundo, e lhe servia de instrumento para desempenhar a tarefa que veio realizar, ou exercício do cargo que veio desempenhar.

Ora, todos sabem, perfeitamente, como é difícil abandonar hábitos enraizados, e a morte vem suprimir, de uma hora para outra, os hábitos costumeiros, dando lugar à aquisição de outros costumes, visto serem diferentes as condições do meio para o qual somos trasladados.

Está claro que tudo é relativo, e o progresso, em todas as coisas, age gradativamente, sem saltos bruscos, de modo que, na outra esfera da vida, teremos um complemento de vida, como meio de transição para um estado melhor, assim como certamente haverá uma esfera de seguimento à fase física do indivíduo, para que ele se adapte à Vida Superior sem uma transição brusca.

E isto que nos dizem os Espíritos, cômnicos do seu estado, e que já passaram pelos trâmites que se seguem à morte e chegaram à Imortalidade.

Por isso, o Mundo Espiritual é provido de meios que fornecem à vida de além-túmulo as condições indispensáveis para a transição. Por exemplo, dizem as entidades do Espaço que lá existem hospitais onde são tratados aqueles que passam por longa enfermidade, e os quais, por suas condições de atraso, não percebem o Mundo dos Espíritos em sua realidade. Aí são curados, e, depois, instruídos sobre a nova situação até que se adaptem ao meio em que se acham.

Os Espíritos dos que morrem quando crianças, são acolhidos carinhosamente por missionários, que se dedicam a essa tarefa, e são igualmente instruídos até que se lhes desponte a consciência integral? desapareça deles o traço infantil gravado na "consciência pessoal".

Assim também sucede com a alimentação. Aos entes muito materializados, que chegam ao Mundo Espiritual sem compreenderem a transformação porque passaram, e têm ainda sensação de fome e sede, lhes são ministrados alimentos em instalações especiais, até que, adaptados ao meio em que iniciaram a nova vida, compreendam que não têm mais necessidades desses alimentos, que julgavam precisos para sua manutenção. Naturalmente, os alimentos assemelham-se muito aos que lhes eram usuais na Terra, mas são feitos de matéria peculiar ao Mundo dos Espíritos e de acordo com o corpo fluídico, ou seja, o organismo perispiritual de cada um.

Não podíamos deixar de narrar todas essas particularidades do Mundo Espiritual, que não deixam de ser lógica, de acordo com a lei da evolução, que não admite bruscas transições e que proporciona, sempre, períodos intermediários para suavizar as mudanças que ocasionam grande abalo, e maior perturbação ainda ocasionariam, se fossem excluídos os meios precisos para essas transições.

Isto tudo demonstra que o Mundo Espiritual não é uma concepção abstrata, uma miragem, um vácuo inconcebível, sem sanção da inteligência, mas, sim, um meio concreto, onde se encontram as condições indispensáveis para as adaptações e o progresso do Espírito.

Já havíamos recebido essas revelações há muitos anos; contudo, tínhamo-las conservado como lição de caráter

puramente familiar, e sujeita, portanto, à observação: é sabido que as revelações da Verdade têm caráter coletivo; se, de fato, a nossa procedesse dessa fonte, outros também recebê-la-iam em todo o mundo. Se isso acontecesse, julgaríamos essas revelações transcendentais realmente dignas de atenção e até de experimentações novas, com outros médiuns, para sua melhor confirmação.

Com efeito, em diversas obras inglesas, norte-americanas é francesas, vemos, hoje, a reprodução detalhada dessas mensagens! O Plano Espiritual desenterra o oculto e concorre para que conheçamos o futuro que nos espera, assim como nos dá a conhecer, desde já, em que consiste a outra vida e quais os meios facultados, nessas regiões, aos entes que nos são caros, para a aquisição de uma felicidade duradoura e de um progresso crescente para a Luz e a Verdade.

E, com estes dados, mal apanhados pela imperfeição dos nossos sentidos, dados fornecidos pelos Espíritos que habitam o Além e passaram, mais ou menos, por essas peripécias, podemos, hoje, fazer uma idéia mais aproximada das condições desse Outro Mundo e em que consiste a perturbação da morte e os meios aplicados para suavizá-la.

Com a leitura das obras espíritas, especialmente O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, e A Crise da Morte, de Ernesto Bozzano, muito se aprende sobre a perturbação que ocasiona a passagem de uma a outra vida.

XIV

O Passamento, ou o desprendimento do Espírito, do
Corpo

Esta obra ressentir-se-ia de uma grande lição se, por ignorância, ou por zelo extremo em pretendermos enunciar idéias novas, não incluíssemos, nestas páginas, o Intróito da 2.^a parte de O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, no qual o Mestre, com Lógica admirável e singular concisão, esclarece o processo que denominamos "morte" e que o Espiritismo, com justa razão chamou "desencarnação".

Estas poucas páginas, que deliberamos incluir como parte integrante deste livro, constituem um dos grandes capítulos do Espiritismo, ciência nova, que aborda, com admirável proficiência, a Vida, quer na sua forma externa, visível, que afeta os sentidos humanos, quer em sua modelação, para nós subjetiva, interna, em seu noumenos emocionantes, que exaltam, não a fé que vê, mas a mais aperfeiçoada, a mais emotiva - a fé que sente.

Sem outras considerações, que só poderiam empanar a luz que ressalta dos ensinamentos convincentes de um dos maiores representantes do Paracleto, prometido por Jesus para nos ensinar todas as coisas (João, XIV, 26), damos a palavra ao ínclito Codificador da Doutrina dos Espíritos, o grande missionário lionês, perfeita personificação da Ressurreição e da Vida:

"A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme, não a morte em si; mas o momento da transição.

Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e, com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la.

"Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá, no entanto, esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre o Espírito e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo, quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações entre o Espírito e a matéria, parando, uma, nos umbrais da vida espiritual, e, a outra, nos da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre ambas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une o Espírito ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos.

"A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma (*) experimenta sensações de dor e de prazer. A desagregação repercute na alma que, por tal motivo, recebe uma "impressão" mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que o instrumento da dor: aquela é o paciente. Após a morte, separado o Espírito, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá, enquanto que, aquela, por isolada, nada experimenta da destruição orgânica. O Espírito tem sensações próprias cuja

fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório do Espírito, e não se separa dele nem antes nem depois da morte: forma, com ele, uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber um sem o outro. Durante a vida o fluido perispiritual penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

() Segundo se lê em O Livro dos Espíritos (Parte 2.8, Capítulo II), a alma é o Espírito encarnado. Por isso dizemos; "tal país tem tantos milhões de almas". Livre da matéria, não se designa por alma, mas, sim, por Espírito.*

"A extinção da vida orgânica acarreta a separação do Espírito, em consequência do rompimento do laço fluídico que o une ao corpo, mas essa separação não é brusca.

"O fluido perispiritual, só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo de perispírito ligado às moléculas do corpo. A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma de pontos de contacto existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior à menor dificuldade que apresenta o rompimento".

Portanto, não é preciso dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é que nas cabem examinar.

Estabeleçamos, em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas, dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes:

1.º- Se, no momento em que se extinguísse a vida orgânica, o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria, absolutamente.

2.º- Se, nesse momento, a coesão de ambos elementos estiver no auge de sua força, produzir-se-á uma espécie de ruptura, que reagirá dolorosamente sobre a alma.

3.º - Se a coesão for fraca, a separação tornar-se-á fácil, operando-se sem abalo.

4.º- Se, após a cessação completa da vida orgânica, existirem ainda numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, o Espírito poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo até que o laço inteiramente se desfaça.

Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo quanto puder atenuar essa força e a rapidez do desprendimento, tornará a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento operar-se sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.

Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital - a perturbação.

Nesse instante, a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É um estado semelhante ao da catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca porque há casos em que a alma pode completar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. A perturbação deve, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte, e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. A proporção que se liberta, o Espírito encontra-se em situação

comparável a de um homem que desperta de profundo sono: as idéias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.

O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que, ordinariamente, ocorre em momento de inconsciência; mas o Espírito sofre, antes dele, a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços do Espírito para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca, que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule: é o caso das mortes calmas e do pacífico despertar no Mundo Espiritual.

A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento, é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito, é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem, cujas preocupações dizem respeito unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras que, antecipadamente, se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E, desde que a lentidão e dificuldade do desprendimento se filia ao grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós

somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso esse desprendimento.

Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma, nos últimos transes.

Em se tratando de morte natural, resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou, e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, o Espírito já penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil, que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espírito pode já ter recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse, a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura.

No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do espírito, para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais; e quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que, às vezes, procura romper os elos resistentes, e, outras, se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.

Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal, tanto mais se lhe apega, e, assim, sente que ela lhe foge e quer

retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros.

Certo, nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso, sofre menos, e o vácuo em que se acha, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Dá-se, por fim, a morte, e nem por isso está tudo terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não define se material ou espiritualmente, e luta, e luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido. A morte pós termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as conseqüências, e, enquanto existirem pontos de contato do perispírito com o corpo, o Espírito se ressentirá e sofrerá com as suas impressões.

Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, desfazem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção, e, as suas conseqüências, como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento.

Após a morte, rotos os laços, nem uma só reação dolorosa existe que o afete; o despertar é lépido, desembaraçado; por sensações únicas, o alívio, a alegria!

Na morte violenta, as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial pode iniciar previamente a separação do perispírito, ao passo que a vida orgânica em plena exuberância de força é, subitamente, aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa

depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido, e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando, ao mesmo tempo, todas as sensações da vida orgânica! Além disso, dentro desse caso, há uma série infinita de modalidades, que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles que se purificam em alto grau, a situação pouco dura, porque já possuem, em si, como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É situação, aliás, muito freqüente, até nos casos de morte comum, que, nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, torna-se horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede toda a expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir, no Espírito, todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes.

O estado de Espírito, por ocasião da morte, pode ser assim resumido:

Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, abdicando das

vantagens imediatas em prol do futuro, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida sob um ponto de vista que satisfaça, ao mesmo tempo, a razão, a lógica, o bom senso e o conceito em que temos a grandeza, a bondade, e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que insinua, é, de quantas doutrinas filosóficas conhecemos, a que exerce mais poderosa influência.

O Espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo, de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo invisível; os laços fluídicos, que o ligam à matéria, enfraquecem-se, operando-se, por antecipação, um desprendimento parcial que facilita a passagem outra vida. A perturbação conseqüente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueada o passado, logo se reconhece no seu novo estado, nada estranhando, antes compreendendo a situação em que se encontra.

Com certeza, não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que, pelos conhecimentos que fornece,

pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Ele dá algo mais, e a cada um: os meios de facilitar o desprendimento de outros Espíritos ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação criteriosa, sábia, prudente, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, insinua-se-lhe o arrependimento, único meio de abreviar os seus sofrimentos.

XV

A Sobrevivência Individual

A Terra é mundo de expiações e provas; é uma escola onde o Espírito se interna, com um corpo de carne, para estudar e progredir, para adquirir Ciência e virtude, asas fortes que o conduzem à Espiritualidade, à verdadeira Felicidade.

A morte não é, portanto, o aniquilamento, a extinção da vida, mas a desagregação do corpo carnal, para que o Espírito volte ao Outro Mundo, donde veio ao se encarnar.

Não há morte, no sentido que deram a esta palavra.

A Vida, que se manifesta em todos os seres, em todas as coisas, não poderia ser, como de fato não é, sobrepujada pela morte. Mesmo nessa eterna sucessão de destruição orgânica e criação orgânica, a que Claude Bernard denominou conflito vital, a Vida não se deixa vencer, e, até os remanescentes da luta, que parecem destroços vencidos pela morte, apresentam todos os caracteres da vida em sua transformação evolutiva. Não há morte para a matéria: há transformação; não há morte para o Espírito: há também transformação; mas, este guarda a sua prerrogativa unitária, mantém a unidade da vida, transfigurando-se e despojando-se dos elementos de que não mais necessita no novo estado de vida ao qual passou.

O Espiritismo, magnificamente codificado por Allan Kardec, nos veio abrir os vastos horizontes da Vida, demonstrando-nos, com verdadeira precisão, a Imortalidade.

Os fatos verificados em todos os países, e observados por homens de todas as classes sociais, comparados com os fenômenos ocorridos em tempos idos e relatados na história de todos os povos, provam, perfeitamente, que o homem não termina no túmulo e que, se este, como disse Victor Hugo, é o crepúsculo de uma vida, é também a aurora de outra.

As demonstrações psicofísicas da sobrevivência, como se tem observado, aparecem, hoje, sob todos os aspectos, para que fique claramente elucidado não ser a alma uma coisa vaga, abstrata, mas sim um ser concreto, que possui um organismo físico perfeitamente delimitado, portador de todas as aquisições intelectuais e morais, e dotado dos atributos necessários às demonstrações da Ciência e da Moral, principais insígnias da civilização e do progresso.

De fato, se tudo tem uma causa a produzir um efeito, qual será a causa produtora desses fenômenos supranormais, cuja força indomável chegou a criar uma ciência, a Metapsíquica (*), alargando o campo da Biologia, da Física, da História Natural e até da Patologia? Podem, porventura, as forças cegas da Natureza produzir fenômenos inteligentes a ponto de criarem Ciências e Artes, e fazerem, como está acontecendo, verdadeira revolução na Religião e na Moral? Pode simplesmente a matéria engendrar a inteligência? A ignorância e o caos podem criar a sabedoria e a harmonia?

() A qual sucedeu a Parapsicologia. Nota da Redação.*

Os aspectos múltiplos das manifestações espíritas, estendendo cada vez mais a variedade dessas provas e multiplicando-as todos os dias, não podem deixar de obedecer a um plano inteligente, que dirige essas manifestações, a seu turno produzidas por Espíritos, que demonstram sua identidade e dizem agir de acordo com

ordens superiores que lhes são ministradas. Nem se pode conceber por outra forma os fenômenos de transporte, levitação, materialização, voz direta, fotografia, demonstrações físicas objetivas, oriundas de entidades psíquicas que dizem ter vivido na Terra com um corpo carnal, revelando-se como parentes, amigos, conhecidos dos assistentes e apresentando-lhes a sua ficha de identidade.

Que outras provas poderemos exigir da sobrevivência, da continuação da vida dos seres que nos são caros, senão essas que eles mesmos, à nossa revelia, se lembraram de nos oferecer?

Que outros testemunhos lhes podemos pedir senão que falem, cantem, sorriam, como faziam quando estavam conosco, que usem o mesmo estilo, a mesma voz, o mesmo modo de agir, que, finalmente, se dêem a conhecer, reproduzindo suas feições, que nos apareçam mostrando-se vivos como eram, como todos os contornos e delineamentos que nos eram familiares?

As manifestações espíritas, transviadas do seu fim providencial, desnaturadas pelo espírito da fraude e do interesse, guerreadas pelo conservantismo sectário e retrógrado, não têm outro fim senão trazer-nos demonstrações psicofísicas da sobrevivência.

Todos os fenômenos supranormais do psiquismo, os de natureza anímica e os de natureza espírita, propriamente ditos, têm um único escopo: a demonstração da existência da alma e da sua sobrevivência à morte do corpo.

Essas demonstrações psicofísicas ou psico-intelectuais, como, por exemplo, a manifestação mediúnica e estranhas ao médium, a confecção de desenhos e pinturas, cuja arte está muito acima da capacidade do executor, de mensagens e até

de livros, cujo conteúdo é muito superior ao que poderia produzir o intelecto do escritor, todas essas manifestações, em seu conjunto harmonioso, constituem um hino de glória ao Espiritismo - demonstrações patentes, positivas, da imortalidade da alma!

XVI

A Inconsciência da Vida no Além

Morto o corpo, a individualidade sobrevivente é tomada de um estado psíquico original, dependendo muito, esse estado, das crenças do indivíduo, seu modo de agir quando vivia na Terra, sua moralidade, finalmente, seu grau de evolução Espiritual.

No capítulo passado fizemos referências ao estado do espírito após à morte; faz-se mister, entretanto, que acrescentemos outras considerações, pois é infinita a variedade de sofrimentos produzidos pela inconsciência da vida Além.

Como dissemos, uns custam muito a compreender o seu estado, a sua situação; muitos querem crer que não morreram, pois encararam a morte como o fim da existência; mas, sentindo que continuam a existir, percebem que algo ocorreu e sentem-se em grande confusão. Outros consomem largo tempo em busca de um céu imaginário, com que foram acalentados na Terra; muitos, sentindo-se culpados e convencidos de já haverem deixado a vida terrena, julgam-se no Purgatório, e outros, ainda, fustigados pelo remorso de suas más obras, sentem-se abrasados por um fogo terrível, que as dores morais ocasionam, julgando-se num inferno candente, sem luz, sem paz no coração, blasfemando contra a própria existência.

A passagem do mundo terreno para o Mundo Espiritual ocasiona tantas dúvidas; tantas agonias, tão terríveis perturbações aos espíritos não preparados para essas

mudanças fatais, irremediáveis, que a maior parte raramente consegue adaptar-se logo à nova fase de vida.

Quantos se acham noutra mundo, uns como que adormecidos, outros delirando, outros continuando em seu viver material, sem compreenderem, o meio em que vivem e a sua situação!

É lógico que aqueles que não se prepararam para essa mudança, nem tiveram quem lhes preparasse um lugar para, ao chegarem a esse mundo de luzes, serem recebidos e logo iniciados; aqueles que não quiseram dar ouvidos às vozes espirituais, à Lei de Deus, que a todos mostra a trilha que devemos palmilhar para um bom empreendimento futura, devem passar por acérrimos sofrimentos morais.

Os viciosos, os contumazes, os que excluíram Deus da consciência, que enxovalharam e lesaram o próximo; os que venderam sua inteligência, sua alma, seu coração; os que traficaram com as coisas divinas, sofrem terríveis reprimendas, de acordo sempre com as faltas cometidas; porque a penalidade, não só na Terra, como na Outra Vida, está em proporção às infrações da Lei.

Não há uma só falta que não exija imediata corrigenda, e essa correção começa sempre pelo sofrimento.

Enfim, a perturbação ou o estado de inconsciência dos Espíritos é muito variável; cada um sofre-as de acordo com a sua evolução, a sua constituição psíquica, o papel de responsabilidade social que assumiu na existência terrestre, a sua instrução intelectual, etc. Entre dois indivíduos, um ignorante e outro letrado, que tenham incorrido na infração da mesma lei, a pena do letrado se agrava, ao passo que a do ignorante, será atenuada. Tudo está em relação com o

indivíduo e o crime cometido. Assim também é a natureza da perturbação, peculiar a cada indivíduo.

Um fato notável tem sido verificado com muitos Espíritos: o não saberem eles que "morreram", segundo a expressão usual. Esse fato se verifica com os Espíritos muito materializados e muito materialistas, especialmente com os suicidas. É uma espécie de condenação a que ficam sujeitos, em virtude da sua teimosia na negação.

Enfim, todos esses Espíritos atrasados ficam presos à Terra; caminham aqui e ali; mas as suas vistas abrangem mais a Terra que o mundo Espiritual. Eles se apinham em torno do globo, presos sempre à pátria e à família, acompanhando todos os movimentos do planeta, como se estivessem encarnados e, muitos deles, sofrem as variações atmosféricas e outras sensações peculiares aos que ainda estão incorporados na matéria.

Quando vêem o Mundo Espírita não o compreendem. Pasmam ao observarem a Vida Espírita, o modo porque agem os Espíritos adiantados; admiram-se ao atravessarem grandes cidades, metrópoles flutuantes, ao verem casarios transparentes e multicolores, majestosos edifícios, cuja luz os ofusca; veículos céleres a deslizarem de um a outro ponto; jardins aprimorados com flores belas e aromáticas como nunca viram na Terra. Tudo isso lhes causa estranheza tal e ocasiona-lhes perturbação tão profunda, que preferem, muitas vezes, não prestar atenção senão ao mundo onde deixaram seus corpos e ao qual se acham ligados por afinidades antigas.

São esses Espíritos que vivem numa ânsia contínua de se comunicar com os homens, não tanto para demonstrarem sua

sobrevivência, mas para, se possível, prosseguirem no seu antigo modo de viver.

Eles desenvolveram ao extremo os seus sentidos físicos, e, havendo aniquilado o sentido espiritual, ficam, por isso, entre as trevas e a luz, entre o mundo da carne e o mundo do espírito, sem poderem prosseguir na sua vida material e sem poderem viver na vida espiritual, até que as preces, as instruções, os bons conselhos os encaminhem à realidade e sejam então iniciados na vida nova, na qual sentirão grande gozo, gozo esse que se tornará, para eles, um incentivo para trabalharem em prol de seu progresso e bem-estar espiritual.

XVII

Sala de Reuniões e casas no mundo dos espíritos

Já lembramos aos nossos leitores que o Outro Mundo deve ser algo de real, de positivo, pois, não se poderia compreender a Vida sem os acessórios necessários para a sua manifestação e também não poderíamos admitir que houvesse um hiato na transição desta para a outra vida, uma transição tão grande que o homem chegasse a perder a noção de si mesmo, ou enlouquecesse com a mudança de estado absolutamente incompatível com a sua evolução, com o seu grau de progresso moral e científico.

Sobre isso e com o intuito de corroborar as nossas asserções a respeito, julgamos de utilidade transcrever um escrito de Miss Winifred Moyes, inserto num dos números de *The Greater World*, revista inglesa de grande circulação e ótima orientação.

O artigo traz o título acima e assim explica certos afazeres na outra vida:

"A idéia de salas (halls) de reuniões e templos de instrução na vida futura, é muito atrativa a certas pessoas, e, durante o tempo em que esses lugares são necessários aos que aspiram o saber, são encontrados à sua disposição.

"Entretanto, devemos lembrar que o desejo de "casas" e "salas" de reuniões provém do fato de, durante a vida terrena, termos necessidade de abrigos contra a inclemência do tempo. O nosso clima é responsável por muitos dos nossos costumes e desejos arraigados. Sabemos que para estudar "aqui" devemos estar salvaguardados de barulho e

interrupção. Visualizando a vida futura devemos lembrar que, quando passarmos á condição de Espírito, não teremos as desvantagens que são boa parte das experiências na Terra.

"A alocução de Zodíaco (*) sobre o "Futuro Estado do Ser" atraiu grande interesse, porém alguns leitores, em correspondência, mostram estranhar a ausência de referência a "casas" e "saias de reuniões" para instrução.

() Nome do Espírito comunicante, que se serviu da Srta W. Moyes, médium de grande força espiritual.*

"O simples fato de sentirem eles a sua felicidade aumentada com exposições, discursos e réplicas de coisas terrestres, significa que essas estarão ao seu dispor enquanto tenham utilidade.

CASAS DE CONVALESCENTES

"Muitos Espíritos que voltaram, descreveram suas casas e também outros edifícios vistos. As casas para convalescentes tornam-se uma necessidade real, como lugares de repouso para os que passaram pela morte e necessitam de "tratamento", pois, freqüentemente, as tristezas e provações da vida física deixam a sua impressão no perispírito. Há um outro ponto a considerar. Zodíaco explicou muito bem que as coisas almejadas, mas nunca alcançadas na vida terrestre, estarão, na outra vida, ao alcance dos filhos de Deus. Muitos homens e mulheres desejam um lar todo seu onde possam viver sem interferência de estranhos. Quando ingressarem no Além terão a morada dos seus sonhos.

"Mas, surge a seguinte pergunta: quando a mente da Terra for substituída pela mais elevada, a do corpo espiritual, quando a vista limitada da Terra estiver esquecida na alegria

da clara visão que então possuem, serão os seus desejos os mesmos de outrora?

COMO AS COISAS TERRESTRES PERDEM SUA ATRAÇÃO

"Vários espíritos, relatando as suas experiências, logo após a morte, descrevem suas condições como sendo as mais altas concepções da beleza e da felicidade. Entretanto, passado algum tempo, dizem: "As minhas idéias sobre a beleza e a felicidade, são diferentes agora". Por isso Zodíaco nos previne a respeito da idéia de desejarmos isto ou aquilo na próxima vida, porque a evolução do espírito acarreta a perda do amor das representações glorificadas e das coisas que nos deleitavam nesta vida. Todos os médiuns que viajaram "através das esferas" falam das maravilhas que viram (*). Os oceanos, montanhas e florestas excedem a todas as descrições, porque não existem paralelos na Terra.

(* *Viagens realizadas em estado de desdobramento.*)

RUAS DE OURO BRILHANTE

"A referência que faz o Evangelista João (Apocalipse, 21) às ruas de ouro puro, tem feito pessoas imaginativas pensar se será mais agradável andar em semelhantes ruas do que sobre a grama macia. Certa vez mostraram-me esse "fenômeno" e então concluí que o efeito era proveniente da "atmosfera". Tudo estava banhado por um brilho de ouro róseo, que eu atribui ao "poder psíquico". Parecia-me estar sob um poderoso sol, mas o mesmo não queimava minha pele nem ofuscava meus olhos. A temperatura era

perfeitamente uniforme e eu estava consciente de uma vitalidade nunca antes experimentada. Então houve uma admirável exuberância de flores! Todas as cores pareciam misturadas em "glória" e nunca esquecerei o delicado verde das árvores e campos. Comparativamente, as cores que a Natureza Terrestre nos apresenta pareciam desbotadas e manchadas. Vi que podia andar sobre prados alcatifados de flores, que variavam de uma polegada a seis pés de altura, sem magoar qualquer delas.

"Olhei para uma floresta e fiquei admirada da capacidade que me fora dada, de ver o cimo da mais alta árvore, como até abaixo da Terra, as suas raízes; também parecia-me tão fácil ver através de uma árvore, como o lado, que estava voltado para mim! Este milagre de "visão" calou fundo em minha mente.

O MAR DE COR OPALINA

"O mar no mundo do Além tinha uma beleza impossível de ser descrita. Eu sabia que me viria o desejo de descrevê-lo, quando da minha volta ao corpo físico, e perguntei a meu Espírito-Guia se eu deveria tentar achar uma analogia para comparação. Na palma de minha mão vi uma enorme opala, a qual, sob a luz, esplendia numa variedade de gloriosos raios multicores; mas, quando olhei para a mesma, concluí que era só uma pálida representação das cores daquele inolvidável mar! Em cada segundo eu aprendia, porém, pela "visão". Aquelas doces palavras do Apóstolo Paulo, que nos são familiares, voltaram á minha mente: "Os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem penetrou no coração dos homens o que Deus preparou para aqueles que o amam".

XVIII

Os Planos do Mundo Espiritual

No Outro Mundo, como neste, existem planos de existência, mundos superpostos, uns acima dos outros, constituindo uma espécie de escada de perfeição.

Na Terra, é, também, assim: existe o lugar para o camponês iletrado e para o homem de Ciência. Os índios e selvícolas não poderiam viver em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Tudo no Outro Mundo obedece a uma ordem espiritual bem determinada, sem privilégios, nem exclusões.

Desde o primeiro passo, logo a começar da superfície da Terra, até o último, conta-se grande variedade de planos de Vida, ou sejam, Mundos Espirituais, para usar de uma linguagem mais aproximada à compreensão, porque não existe expressão nos vocabulários comuns para caracterizar a natureza desses mundos, que chamaremos semimateriais ou fluídicos. Provavelmente, esses planos é que foram simbolizados, na visão de Jacó, por uma escada com inumeráveis degraus que, apoiados na Terra, chegavam ao Céu.

Não pode ser de outro modo. A lei do progresso rege de modo perfeito a evolução anímica.

Os Espíritos, revestidos de seu corpo perispiritual, não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, e esta vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade.

Uma região isenta, por exemplo, de oxigênio, seria hostil a Espíritos que ainda precisam de oxigênio para viver. Uma

região em que não predomina o carbono não poderio ser habitada por Espíritos que necessitam, pela sua condição ainda de inferioridade, de carbono para a manutenção do seu corpo perispiritual.

O indivíduo sentir-se-ia desequilibrado, e a sua condição média tornar-se-ia infeliz, sofredora, insuportável se assim não fosse. Tudo obedece a uma ordem e harmonia admiráveis na criação. Daí a necessidade desses diversos planos, como garantia de vida aos que fazem a sua evolução para um estado melhor.

Os antigos tinham noções destes princípios e acreditavam na existência de muitos céus super postos, que se compunham de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.

Esta teogonia fez, dessa escala de céus diversos graus de bem-aventurança: o último deles era o abrigo da suprema felicidade.

A opinião comum era a de que havia sete céus; em cada um deles, em sentido ascendente; aumentava a felicidade dos crentes.

Os muçulmanos admitem nove céus.

O astrônomo Ptolomeu contava onze, e denominava o último Empíreo, por causa da luz brilhante que ali reinava.

A teologia católica admite três céus: o primeiro da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que giram os astros; e o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que O contemplam face a face. É conforme esta crença que o Apóstolo Paulo diz que foi arrebatado até o "terceiro céu".

Enfim, é crença unânime que, sob uma ou outra denominação, essas esferas superpostas constituem a habitação das almas, o Mundo Espiritual.

Na verdade, seria ilógico e verdadeiro contra-senso julgarmos um vácuo a atmosfera que nos rodeia, o nada dos ignorantes de então. A constituição física e química da atmosfera era ignorada dos povos passados. Ainda na Idade Média não se tinha do estado gasoso da matéria senão noções rudimentares. Sobre a vida, mesmo, só se sabia que ela se extinguia por falta de ar; mas não se conhecia o mecanismo da combustão e da respiração.

Foi o gênio ilustre de Lavoisier que deu os primeiros passos para a descoberta dos elementos contidos no ar que respiramos. Foi tão grande a descoberta desse insigne francês, e tão iluminado era o famoso químico, que, em 8 de março de 1794, quando sua cabeça rolou sobre o patíbulo, o ilustre matemático Lagrange, disse: "Cem anos não serão bastantes para produzir outra cabeça semelhante".

Hoje podemos afirmar muito mais que Lavoisier; sabemos que tudo o que existe no nosso corpo, existe na atmosfera, no ar que respiramos: azoto, oxigênio, hidrogênio, carbono, cujas combinações formam a cal, a soda, o fósforo, os ácidos, o enxofre, o flúor, o silício, o magnésio, o lítio, o ferro, o manganês, o cobre, o chumbo, etc.

Sabemos mais que em nossa atmosfera vivem inúmeros micróbios, flutuam ovos de infusórios, partículas de algodão, de farinha, de penas, matérias que se evolvem das fábricas, que saem da combustão, do enxofre e outros sais, etc. Só nas costas da Bretanha e da Normandia calcula-se que um hectare de terreno não recebe menos, anualmente, de 147

quilogramas de matérias sólidas; das quais 37 quilogramas são de sal marinho.

Não é preciso estendermo-nos em considerações para provar que o ar é alguma coisa, contém muita coisa; não é o vazio que se apresenta aos nossos olhares acanhados.

O Espiritismo, penetrando fundamente na Ciência, abre brechas ao pensamento, e dá, ao mesmo tempo, razão à crença cega dos povos antigos, que, em sua concepção infantil, proclamavam os céus sobrepostos, cada qual mais adiantado, crença essa que se confirma agora com dados científicos e as revelações de caráter coletivo que estão sendo feitos e verificados em todos os pontos do globo.

Não há dúvida; existem planos de existência, de vida em mundos superpostos, uns acima doutros, constituindo, no seu conjunto, uma espécie de escada de perfeição.

XIX

O plano da vida após a morte

O primeiro plano do Mundo Espiritual é bem parecido com o plano em que vivemos, o plano terrestre.

Pode-se dizer que o nosso plano de vida aqui, na Terra, é uma cópia materializada do primeiro plano da Vida Espírita.

O que existe na Terra, existe nesse plano do mundo espírita, sendo que ele contém ainda mais alguma coisa do que existe no nosso mundo. Mas é muito mais aperfeiçoado, mais belo, sem comparação; e tudo o que existe, está claro, é formado de matéria contida nesse plano de vida, ou mundo.

O termo "mundo", na linguagem Espírita, não exprime somente os planetas, os globos, mas também as camadas que chamamos atmosféricas e que envolvem os planetas, os cometas, as estrelas ou sóis, e outros mundos imperceptíveis mesmo aos astrônomos e aos que se dedicam às coisas espirituais. Poderíamos chamar esses mundos de mundos aéreos, entretanto reais, pois é neles que vivemos a nossa vida verdadeira. Nos mundos materiais a nossa vida é ligeira, aparente, transitória, sujeita aos cinco sentidos e limitada à personalidade, ao passo que, no Mundo Espírita, não é a personalidade que vive, mas sim a individualidade, com o sentido amplo que abrange o seu passado.

De modo que, como foi dito pelos Espíritos que ditaram ensinamentos a Allan Kardec, o Mundo Espiritual é um reflexo aperfeiçoado do mundo material. Com efeito, os videntes vêem esse reflexo assim como os poetas e pensadores,

debruçados à beira-mar vêem em suas águas retratados os astros e as estrelas dos céus.

Para os homens na Terra, essa visão não passa de miragem, de reflexo, mas para os habitantes do Mundo Espírita, esse reflexo é tão real, como é real, na Terra, o que o homem vê, observa e executa: as cidades, casas, veículos, etc.. (*)

() Nossas citações são comparativas; fazemo-las assim como um índio que tivesse ido a uma cidade ou a uma metrópole e, de volta, a descrevesse à sua tribo.*

Acresce, porém, que o Mundo Espírita não limita a sua evolução somente ao reflexo, isto é, não contém só o que contém a Terra, porém muito mais, pois é claro que, sendo ele o "Mundo Normal Primitivo", o que existe na Terra é originário desse mundo. Todas as novidades, todas as novas descobertas, os melhoramentos que o mundo terreno vai tendo, vêm do Mundo Espiritual e são uma cópia grosseira, materializada, do que existe no Mundo Espiritual.

Esse Mundo Espiritual é muito maior do que o mundo material; nem pode haver comparação, senão muito relativa, seja em estrutura, nas belezas da Arte, nas maravilhas da Ciência, na altura da concepção dos seres intelectuais e das coisas, na harmonia, etc.; em tudo ele excede, mas excede muito ao mundo material.

Basta dizer que a vida, ali, é isenta do "ganha pão", do "ganha roupa" e do "ganha cobertura". O trabalho é muito mais suave, independente de suores, fadigas, canseiras, e ainda mesmo esse trabalho, conquanto seja obrigatório, como o é o trabalho na Terra, tem o seu limite para permitir as distrações, o estudo, a formação do intelecto, o progresso do Espírito.

Os que se amam constituem-se em famílias, obedecem às leis sociais de respeito mútuo, muito mais ainda do que na

Terra. Entretanto, nesse plano de existência, mormente no momento atual, o bem-estar tem sido terrivelmente perturbado pela ação nefasta de Espíritos maléficos, que vão deixando a Terra atormentados pelas guerras, epidemias, suicídios e catástrofes de várias espécies. (*)

() No estado ordinário, sem contar as vítimas de guerras e de cataclismos, morrem diariamente, no mundo, cerca de 100 mil pessoas (1932).*

Devemos acrescentar que esse plano de vida está ainda muito distante da felicidade. E quando dizemos que ele é belo e admirável, fazemo-lo sempre em relação ao mundo material, onde predominam paixões de todos os gêneros e o vil interesse dos bens materiais.

Propositamente com o intuito de trazer revelação sobre a Vida Espiritual, e para que não a julguem milagrosa, abstrata, é que deliberamos publicar este livro.

Finalmente, vamos repetir: a vida Além do Túmulo não se cifra num Inferno candente, num Purgatório de labaredas, num Céu de beatífica e nula contemplação, num mistério, numa abstração; lá existem cidades flutuantes, sonhos de Júlio Verne, grandes avenidas, largas praças, jardins esplêndidos, museus, ruas belíssimas, onde se destacam magníficos edifícios, construções que maravilhariam os maiores arquitetos da Terra, onde cruzam e se multiplicam veículos de que o homem ainda não pode fazer idéia; ascensores que conduzem aos planos superiores, e, para determinados fins, os Espíritos inferiores, que, pela sua materialidade, não se podem elevar ao azul do firmamento.

Enfim, lá a vida é tão intensa, o movimento tão acentuado, que confunde os Espíritos menos avisados, como confuso e boquiaberto ficaria o sertanejo que do mundo nada conhecesse a não ser o recanto em que nasceu e fosse

transportado para um dos centros principais do mundo terrestre, por exemplo, Londres ou Paris.

Esse ar que nos envolve e parece ser o vácuo, o nada, é um mundo de seres e de coisas, que não podem ser percebidos por nós, devido à deficiência da nossa retina, que só percebe a matéria densa, conglomerada.

Os Espíritos, logo que partem da Terra, pela transformação da morte, acostumados às sensações grosseiras e às percepções que lhes são dadas exclusivamente pelos cinco sentidos, não vêem logo as coisas espirituais, não as percebem, e então continuam a utilizar-se desses mesmos sentidos; mas, não tendo mais o corpo carnal que lhes servia de "periscópio", encostam-se às pessoas da Terra que lhes são similares, para, com o auxílio destes intermediários, satisfazerem seus desejos materiais, pelos sentidos psíquicos. Com razão, pois, se diz, que ao lado de cada homem, de cada pessoa, existem muitos Espíritos. E esse fato tem sido verificado pelos médiuns videntes, que os enxergam até mesmo, tomando parte nos nossos negócios, viagens, diversões.

Pelas casas, pelas ruas, pelas praças, estradas de ferro, automóveis, carros, carroças, andam milhares de Espíritos; em toda parte eles são encontrados: nos jantares, aos bailes, nos teatros, nas igrejas.

Esses Espíritos, de condição inferior, são os designados com o nome de familiares, na Doutrina Espírita.

Não queremos dizer, com isto, que todos os familiares sejam ruins, atrasados e sofredores; há os em diversas escalas de bondade e de sabedoria, como existem na Terra pessoas de todas as categorias.

Alguns são missionários, que poderiam estar num plano superior, mas preferem auxiliar parentes e amigos que aqui deixaram. Outra multidão de missionários vive em nossa atmosfera, guiando os Espíritos atrasados, protegendo e auxiliando os homens de boa vontade: iniciam na vida espiritual os que para lá se passam; preparam para uns, novas encarnações; exilam outros para mundos inferiores, ou para outros planetas.

Esses casos são muito comuns no Mundo Espírita; é o que aqui na Terra chamamos "lei da deportação". Quando o indivíduo é perigoso, obstinado criminoso contumaz, irredutível, os governos da Terra, encerram-no num presídio, ou deportam-no para outra nação; no Mundo Espírita, em semelhantes condições, enviam o Espírito, ou para um presídio, onde receba instrução e fique preso, ou para outro Planeta mais atrasado, com a dupla vantagem de que, ele levará aos habitantes dessas outras Terras alguma novidade que aprendeu, ao mesmo tempo que, aguilhoado pelo sofrimento, regenera-se e efetua o seu progresso.

No Mundo Espiritual há o princípio de autoridade, e disso temos muitas provas, seja pela cura de obsessões, seja na cura de moléstias, dadas pela Ciência como incuráveis e que não são mais que a ação de Espíritos maléficos, odientos, rancorosos, ciumentos, invejosos, cuja ação cessa quando eles são chamados à ordem e cedem ao princípio de autoridade.

Contudo, não é demais repetir que, no momento atual, também o Mundo Espírita passa por grande crise, cujo reflexo se vê na Terra. Mas a crise não é definitiva: é sempre um tempo curto de revoluções, que tem um fim; esperamos que muito breve a crise do mundo material seja superada,

para que mais depressa seja abafada a crise no Mundo Espírita, pois recíproca é a ação de um mundo sobre o outro.

A deportação, para outros planetas, de um verdadeiro Império de Perturbadores, que há séculos vem aniquilando e avassalando tanto o mundo Terra quanto o Mundo Espírita, dará fim a essa crise. E é por esse motivo que vós, espíritas, não podeis ainda consolidar as vossas mais altas aspirações, cumprindo com alegria as provas que, por Deus, vos foram impostas; e ao mesmo tempo vos é difícil manter íntima relação com os Espíritos que vos auxiliam.

Os efeitos dessa crise também concorrem para os insucessos de muitas curas e a ineficácia das preces que fazeis, bem como prejudicam experiências probativas da Imortalidade.

Mas tudo passará breve e as duas Humanidades, ligadas por um mesmo Ideal, marcharão apressadamente para tornarem o Mundo Terreno uma habitação superior, ao menos bem confortável, e o Mundo Espírita, um Paraíso para o descanso e úteis diversões, ao mesmo tempo, uma Escola de Progresso, a oferecer aos que deixarem a Terra novas oportunidades.

Tudo vai ser reformado, tudo vai ser remodelado para o Império do Bem e do Belo, porque o Reinado do Cristo Jesus se avizinha e se proclama em todo o mundo e no Espaço.

XX

Revelações sobre a vida no outro mundo

No Prefácio desta obra dissemos que, muito tempo depois de havermos escrito uma conferência a respeito da "Vida no Outro Mundo", vimos que as idéias expendidas por nós estavam de pleno acordo com as de diversos médiuns que se achavam em íntimas relações com os Espíritos, e as de diversos escritores, principalmente ingleses, recebidas de seus parentes e amigos, revelações semelhantes às que havíamos recebido.

Isto sobremaneira nos alegra, porque a Verdade não pode ser propriedade pessoal, ao contrário, um dos seus principais característicos é transparecer por meios diversos e em todas as partes do mundo.

Pois bem, essa verdade, que por excesso de escrúpulo havíamos guardado inédita, hoje aparece em várias obras, e é nosso dever propagá-la, pois representa um jato de luz que nos tira das trevas em que nos achamos; é uma fonte de consolação que suaviza os grandes dissabores que sofremos na via-crúcis da existência terrestre.

E assim que, na História do Espiritismo, de Sir Arthur Conan Doyle, por exemplo, encontramos a seguinte mensagem, que confirma as nossas asserções; transcrevemo-la obedecendo a um desejo irresistível, pois é mais uma contribuição a valorizar este livro, e, ao mesmo tempo, a fortificar a crença naqueles que lerem esta obra.

Esta mensagem foi, a seu turno, extraída por Conan Doyle, do livro O Caso de Lester Coltman de Lilian Walbrook, págs. 32 - 34.

Eis a comunicação do Espírito Lester Coltman, a respeito da Vida no Além:

"Acho perfeitamente explicável e natural o interesse dos seres terrenos em averiguar a forma de que são constituídos os lugares e os estabelecimentos em que vivemos e trabalhamos; mas, não é fácil fazer uma descrição, na linguagem terrena. A minha existência servirá de exemplo para a dedução de outros modos de vida, segundo o temperamento e a inteligência de cada um.

"Meu trabalho continua aqui como se iniciou na Terra, ou seja, no terreno científico.

"Para progredir em meus estudos, visito freqüentemente um laboratório, onde encontro facilidades tão completas como extraordinárias para a realização de experiências.

"Tenho casa própria, verdadeiramente bela, com uma grande biblioteca, na qual existe toda a classe de livros de consulta: históricos, científicos, de Medicina, e de todos os gêneros da Literatura. Para nós, estes livros são tão interessantes como para vós, os da Terra.

"Tenho uma sala de música com toda a sorte de instrumentos.

"Tenho quadros de rara beleza e móveis de gosto apurado.

"Atualmente vivo só, mas recebo com freqüência a visita de amigos; também os visito em suas casas, e, se alguma vez me sucede sobrevir ligeira tristeza, vou, então, visitar aqueles a quem mais eu quis na Terra.

"Das minhas janelas admiro uma paisagem extraordinariamente bela, que se estende ao longe em suaves ondulações, e, próximo à minha, existe uma casa comunal onde vivem em feliz harmonia vários dos Espíritos que trabalham no laboratório.

"O meu ajudante principal é um chinês antigo, muito competente em análises químicas. É, como se disséssemos, o chefe da casa. E uma alma admirável, goza de grandes simpatias e é dotado de profunda filosofia.

"E muito difícil vos falar do trabalho no mundo dos Espíritos. Cada um tem sua missão, segundo suas possibilidades.

"Quando um Espírito chega diretamente da Terra, ou de qualquer outro mundo material, tem de aprender tudo o que não aprendeu na existência precedente, com o fim de se aproximar da perfeição.

"Se ele fez sofrer seus semelhantes sofrerá. Se tem grande talento, o aperfeiçoará aqui, pois, se vós aí tendes boa música ou outra qualquer classe de arte ou ciência, as daqui ainda são muito melhores.

"A Música é uma das mais poderosas forças do nosso mundo para se alcançar a perfeição do Espírito.

"Há aqui magníficas escolas para instrução dos Espíritos de crianças. Nelas permanecem até aprenderem tudo o que se refere à Terra e aos demais mundos, bem assim a todos os reinos que se acham sob o cetro de Deus.

"Aqueles que aqui receberam instrução como Espíritos de crianças, quando chegam a ir para o vosso mundo, ostentam o mais refinado e belo dos caracteres.

"Os que passaram sua existência material em trabalhos físicos, têm de aprender tudo, enquanto aqui permanecem. O

trabalho é uma coisa maravilhosa, e os que se tornam discípulos de Espíritos, aprendem consideravelmente. Os Espíritos literatos se convertem em grandes oradores e falam e ensinam com palavras eloqüentes.

"Aqui também há livros, mas de gênero diferente dos vossos.

"O que estudou leis na Terra entrará na escola dos Espíritos para se aperfeiçoar na Justiça.

"O soldado que professe culto à verdade e à honra, guiará os Espíritos de qualquer de nossas esferas em suas lutas pela fé em Deus".

Aqui termina a revelação de Lester Coltman.

*

Sir Conan Doyle também recebeu mensagens, no seu "círculo familiar", de diversos Espíritos, referentes à vida no Além. Vamos citar duas mensagens, de acordo com o nosso tema:

Diz Conan Doyle:

Em nosso círculo, um Espírito feminino falou da vida no Além, respondendo à pergunta que lhe fizemos: "O que fazes aí?"

- Eu me ocupo de música com as crianças e de outras tantas coisas. Mas trabalho muito mais do que na velha Terra. Aqui não há quem suscite disputas e isto contribui para que a felicidade seja maior e mais completa.

- Dize-nos algo sobre a tua vivenda.

- É encantadora. Jamais vi na Terra o que se lhe possa igualar. E quantas flores! Por toda parte variedade

extraordinária e de várias cores. E seus perfumes são maravilhosos!

- Podes descrever as outras casas?

- Não poderia alterar sua paz. Há momentos em que se necessita estar somente em comunicação íntima com a Natureza. Cada casa é um oásis, além do que, há surpreendentes panoramas e outros lugares de seres bons, amáveis e alegres pelo fato de viverem no meio de tantas belezas. Não há na Terra mente alguma que possa conceber esta alegria e esta formosura".

*

Outra mensagem é a seguinte:

"Por amor de Deus, sacudi e despertai essa gente que não quer crer! O mundo precisa saber o que existe aqui.

"Se eu, na Terra, soubesse o que me esperava aqui, a minha vida teria sido muito diversa.

"Aqui não há lutas nem maldades. Interesse-me por muitas coisas de caráter humano, sobretudo pela regeneração e progresso do mundo terrenal. Eu sou um dos que, aqui, trabalham pela vossa causa em íntima relação convosco.

"Não temais; a luz será tanto mais viva quanto mais profundas forem as trevas que atravessais. Logo ela aparecerá, se Deus quiser. Nada poderá impedi-la. Não há poder das trevas que resista um minuto à luz divina. Todos os que pugnam contra a luz serão varridos. Apoiar-vos em nós, que o nosso auxílio é grandioso.

- Onde estais?

- É muito difícil explicar, devido às condições que aqui imperam. Eu me acho num lugar onde queria estar, o melhor

que eu podia desejar. Dali mesmo estou em contacto íntimo convosco, que viveis na Terra.

- Qual o vosso alimento?

- Não se parece em coisa alguma com o vosso: é muito mais agradável e delicado. Tudo o que constitui frutos raros, essências deliciosas e outras coisas desconhecidas na Terra.

"Grandes surpresas vos esperam, todas belas e nobres, doces e radiantes. A vida na Terra é unicamente um preparativo para estas esferas. Sem esse preparativo eu não teria podido entrar neste mundo glorioso e admirável. Na Terra trabalhamos e nos preparamos: este mundo é o prêmio, nosso verdadeiro lugar, nossa verdadeira vida, o sol depois da chuva!"

Por nossa parte folgamos imenso que essas mensagens estejam correndo mundo, pois só assim o homem trabalhará pelo seu futuro.

XXI

As revelações de Swedenborg

Infelizmente (ou felizmente) nada havíamos lido sobre Swedenborg. De Swedenborg somente conhecíamos o nome e a fama, como um grande Espírito e um grande médium.

E já havíamos concluído esta obra, para entregá-la ao prelo, quando nos veio a mão um grande capítulo sobre Swedenborg e suas visões seu modo de encarar a Religião, sua filosofia, sua biografia. Lemo-lo com sofreguidão, pois tudo que os grandes homens têm dito e escrito; não têm outro fim senão o de nos ilustrar e nos fazer progredir, gerando a luz que nos guia nas vicissitudes da vida.

Deliberamos, então, adiar para o dia seguinte a entrega da obra ao prelo, para incluir nela algo do que lemos, principalmente o que se refere, ao modo de ver de Swedenborg sobre a vida no Além.

Swedenborg, ou antes, Emmanuel Swedenborg; foi um grande engenheiro de minas e grande autoridade em Metalurgia. Natural da Suécia, onde foi também militar, contribuiu para o sucesso das campanhas de Carlos XII da Suécia.

Alta autoridade em Astronomia e em Física, escreveu obras eruditas sobre as marés e a determinação das latitudes. Além disso, tinha profundos conhecimentos de Zoologia e Anatomia. Financista e economista político, elevou-se ainda acima de Adam Smith. Conhecia a Bíblia a fundo; foi um teólogo nato.

Tudo isso, porém, nada é em face de suas faculdades psíquicas.

Swedenborg foi o fundador de uma doutrina, baseada toda ela sobre a outra vida, por meio de comunicação com os Espíritos. Ele dizia que este mundo nada mais era que um laboratório de almas, um campo de experimentação em que o material se aperfeiçoa e libera o espiritual. Desde criança se revelou grande vidente. Suas faculdades psíquicas manifestaram-se em diversos momentos de sua vida.

O que, porém, de Swedenborg mais nos interessa para esta obra, são as suas revelações sobre a Outra Vida.

Segundo ele, o Outro Mundo consiste em um número de esferas diferentes, que representam certo grau de luminosidade e de felicidade, a cada uma das quais vamos depois da morte, segundo nossas condições espirituais. Ali somos julgados de maneira automática, por uma espécie de lei espiritual, que determina o resultado total da nossa vida, de sorte que a absolvição e o arrependimento no momento da morte nenhum valor têm. Ele viu, naquelas esferas, a reprodução do que há neste mundo.

Viu casas, nas quais viviam famílias; templos; salões de reuniões para fins sociais; palácios, etc.

A morte, segundo Swedenborg, não devia ser temida, visto a presença de seres espirituais que assistiam aos agonizantes, e os iniciavam na nova existência. Os recém-chegados, dizia ele, passavam por um período imediato de repouso, depois do que recobravam os sentidos em poucos dias. E acrescentava: "Ao morrer, nada perdemos do nosso eu; tornamo-nos até mais perfeitos do que no nosso estado corpóreo. Conservamos nossas faculdades, nosso modo de pensar, nossas crenças, nossos preconceitos. As crianças são

bem recebidas no Outro Mundo, sejam ou não batizadas. Aí elas crescem e são adotadas por mulheres jovens, até que lhes apareçam suas mães verdadeiras. Não há castigo eterno. O matrimônio, em forma de união espiritual, constitui uma unidade humana, cada homem com sua mulher".

Enfim, Swedenborg fala do trabalho dos artistas, das flores, dos frutos, dos bordados, da Arte, da Música, da Literatura, das Ciências, das escolas, dos museus, dos colégios, das livrarias, etc., tudo isso existente e fazendo parte do Outro Mundo.

"Os que, velhos, enfermos, decrépitos, deformados, abandonam este mundo, renovam, na Outra Vida, a sua juventude e recobram gradualmente o pleno vigor. Os casados continuam juntos se seus sentimentos mútuos permanecerem inalterados. Caso contrário, o matrimônio fica sem efeito. Os amantes que se adoram não ficam separados pela morte, o Espírito do falecido permanece unido ao do sobrevivente, até que ambos se reúnam na Outra Vida".

Enfim, a Doutrina de Swedenborg é Espiritismo puro; ele não pode deixar de ser um precursor da Nova Revelação.

É verdadeiramente interessante essa maneira de ver o Mundo dos Espíritos naquele tempo, muito antes de se acentuarem as manifestações dos Espíritos neste mundo.

De nossa parte, é com muito prazer que levamos esses princípios ao conhecimento dos nossos leitores, por ver que se acham de acordo com o escopo deste livro, cujos ensinamentos, repetimos, recebemos antes de termos lido qualquer coisa referente ao Outro Mundo.

XXII

A complexidade do mundo espiritual

Não será para admirar que muitos, ao lerem este livro, principalmente na parte que trata do "plano da vida após a morte", recebam com indiferença, e mesmo com cepticismo, as descrições que damos da Vida no Outro Mundo.

Alheios às coisas espirituais; viciados por um culto rotineiro que não fala á razão nem ao coração; passivos às injunções sacerdotais, que têm sufocado as mais belas aspirações humanas, para descortinar o seu futuro, o homem, preso ao dogma e a bastardos ensinios que têm desvirtuado a natureza íntima da Outra Vida, não pode deixar de se admirar da complexidade do Mundo dos Espíritos.

Como acreditar sem indispensável preparo, que, em vez de um Céu abstrato, de indolente contemplação, de um Purgatório purificador, de um Inferno de chamas, existi um Mundo absolutamente complexo, onde há tudo o que é preciso para que a vida normal do Espírito não se ressinta da falta dos meios necessários ao seu bem-estar e, simultaneamente ao seu progresso!

Como crer na existência de parques, cidades, avenidas, casas, edifícios, jardins, flores, no Outro Mundo, se os ensinios clericais nos pintam a Outra Vida com cores muito diversas, como se ela fosse o extremo limite da existência, a última etapa a que irremediavelmente teríamos de chegar e que resolveria absolutamente a nossa condição futura?

A Revelação dos Espíritos veio produzir uma revolução completa nas idéias da Humanidade sobre a outra vida.

Contrariando toda conjectura e todas as concepções humanas, os Espíritos se manifestaram e nos trouxeram notícias esclarecidas do Mundo em que habitam, e essas revelações, longe de terem caráter pessoal, têm sido dadas em todos os pontos do globo e em épocas diversas. E elas foram julgadas concludentes por homens de grande valor, como Conan Doyle, Oliver Lodge, Carl du Prel e outros.

Este último, ilustre cientista, no seu livro *La Mort l'Au Delà - La Vie Dans l'Au Delà*, afirma que possuímos, realmente, uma metafísica e acrescenta: "Tudo o que é imperceptível aos nossos cinco sentidos, tudo o que não reage sobre a nossa organização, - e é, provavelmente, muito, - tudo isso pertence ao domínio de uma metafísica. Nós não sabemos se, para apreciar as coisas, nos faltam ainda dez sentidos ou talvez cem. O além não é senão um Além, além dos nossos sentidos, que é o desconhecido neste mundo. A crença infantil dos povos colocou o Além nas esferas superiores, porque consideravam a Terra como o centro do Universo. Copérnico pôs fim a esta concepção errônea; devassou o Além e deslocou o Céu. Mas se colocarmos o Além mesmo neste mundo, ele será nosso e ninguém poderá no-lo arrebatá-lo".

"A linha de demarcação entre este mundo e o Além não é geométrica; ela é traçada pelas nossas sensações. Este mundo e o Além não estão próximos um do outro; ao contrário; eles estão um no outro, de sorte que, a despeito de Copérnico, nós possuímos um Além. Nenhuma prova nos foi dada de que iremos para um outro lugar depois da morte. E preciso, então, até que venha uma prova contrária, que consideremos o corpo astral, que sobrevive à morte, como permanecendo neste mundo após a desencarnação. Se os

fantasmas e as materializações que o Ocultismo Moderno nos mostra são reais, devemos admitir que o Além é um lugar de onde se pode voltar. O mais racional seria, então, admitir que este mundo e o Além se acham no mesmo plano. Diz-se que os fantasmas "voltam"; não é isto uma expressão gratuita? E mais justo dizer que os seres que aqui se acham invisíveis aos nossos olhos, sofrem uma condensação da matéria do corpo astral, tal como observamos nas sessões espíritas, e bastaria que tivéssemos uma intensidade maior de percepção para os ver. O corpo astral é a essência de nosso ser - vemo-lo agir telepaticamente par meio de suas faculdades ocultas, ele se torna visível na exteriorização e nos casos de telepatia; logo devemos também admitir que toda a substância terrestre possui, como o ser animado, uma substância metafísica. Existe, então, um mundo físico que, no espaço, não faz senão um, com o nosso mundo terrestre. Eis o que entendia o Espírito Estella, dizendo: "Nós possuimos tudo o que vós possuís: jardins, flores espirituais em abundância". (*) Julgar que só o homem possui uma alma imortal, é provocar a pergunta: por que este privilégio seria dado aos asnos de duas patas e não aos de quatro? E se nós reconhecemos que os dois mundos se entrelaçam, temos resolvido um problema muito perturbador, e não temos necessidade de ir procurar um Além separado de nós no espaço".

(*) *Vide: Perty - Spiritualisme, 37.*

Estas considerações do ilustre cientista são muito razoáveis.

E a tudo isto precisamos acrescentar as construções e criações fluídicas operadas com a força do pensamento e da vontade, assuntos de que Allan Kardec tratou magistralmente

no Livro dos Espíritos, no Livro dos Médiuns e o que outros reveladores têm feito mais circunstanciadamente ainda.

Pode-se, finalmente, concluir, de tudo isso, que os seres viventes, após à morte do invólucro físico, permanecem no Além, em meios que lhes são peculiares, conservando, até ulterior evolução, a forma que tinham na Terra, nos ares, nas águas.

É assim que se pode entender o fato de ser o nosso mundo um reflexo do Mundo dos Espíritos, que é revelado agora, não mais como uma abstração, mas, sim, como uma realidade; e parece-nos razoável sejam as plantas, as flores, nesse mundo, muito mais belas e perfumadas que as nossas, pois, em sua essência, não poderiam deixar de ser, bem assim os animais, muito mais inteligentes e bonitos que os terrenos.

Constituindo o Espírito e seu princípio intelectual, a individualidade, e, durante a encarnação terrestre, a personalidade, parece claro que, aquela, abrange certas faculdades metafísicas que a embelezam e enobrecem, ao passo que a personalidade fica adstrita a um limite ocasional. E, assim submetidos, não à Evolução da Espécie, mas à Lei da Evolução Anímica, tanto num mundo como no outro, os Espíritos, de acordo com as suas necessidades psíquicas, pelos renascimentos sucessivos, ou seja pela reencarnação, sobem com mais ou menos brevidade a escada do progresso para atingirem a Perfeição Espiritual. Por isso é que se diz que os dois Mundos, o terráqueo e o dos Espíritos, são solidários, reagindo um sobre o outro, além de que as Entidades de maior progresso neste último concorrem com as suas luzes para a evolução coletiva, ora ensinando, ora protegendo os seres que se acham sob sua guarda.

Repitamo-lo: a outra vida não é uma concepção abstrata, mas constitui um mundo complexo digno de atenção e onde acumulamos os nossos melhores tesouros, tesouros incorruptíveis que nos garantem a verdadeira felicidade.

XXIII

Os planos subseqüentes ao mundo espiritual

Após o relato sobre o Plano Espiritual, que sucede à vida corpórea, cumpre-nos dizer algo sobre o mais Além.

É claro que, a esse respeito, não podemos apresentar grandes conhecimentos; aliás, parece suficiente saber o ponto da jornada a que temos de chegar.

Daí para diante, outras luzes nos iluminarão a estrada, e novos conhecimentos melhor nos esclarecerão para demandarmos a meta que o Pai nos assinalou.

Em todo o caso, podemos aventurar mais um passo no Caminho do Futuro que nos espera e tecer algumas considerações sobre a Vida Superior.

Todos devem saber que a nossa atmosfera, desde aquela que circunda o globo, até a que fica na fronteira dos outros planetas, como já dissemos não é igual. Pela mesma forma vemos que o nosso mundo é constituído de camadas sobrepostas, conforme ensina a Geologia. As escavações mostram camadas que se sucedem de distância a distância.

Na atmosfera dá-se o mesmo; ela é composta de camadas superpostas.

Da Terra a uma certa distância, a matéria que existe em abundância, é o oxigênio, gás imponderável aos sentidos humanos, não obstante matéria ainda, dado que muito grosseira aos sentidos da alma, sentidos psíquicos, ou espirituais.

Pois bem; em subindo, mais diminui o oxigênio, e assim por diante, a matéria vai-se rarefazendo, tornando-se cada

vez mais sutil. Isto acontece sempre gradativamente, porque na Natureza não pode haver transições bruscas. Nada passa de um estado para outro, sem que primeiro passe por um estado intermediário.

Esses círculos que envolvem a Terra, e se diferenciam pela fluidez da matéria que os compõe, são as Esferas Espirituais, cada qual mais adiantada em sentido ascendente, do Mundo dos Espíritos. São outros tantos mundos, cada um mais evoluído, mais perfeito, mais belo e admirável que o precedente.

Os Espíritos, que nunca deixaram as regiões inferiores, só podem fazer pálida idéia desses planos superiores, e, ainda assim, se algum Espírito Superior lhos revelar. Entretanto, não resta dúvida de que cada mundo inferior é o reflexo do mundo imediatamente superior, e, assim como a matéria se rarefaz, elevada a quintessência, assim também, quanto mais afastados estiverem os planos espirituais, mais adiantados serão os Espíritos que neles habitarem, devido à fluidez, à rarefação, em suma, à perfeição da matéria em que se acham.

É lógico, pois, e concludente, que sempre vamos subindo para um estado melhor aproximando-nos, gradativamente, da mais real felicidade, pois esta depende da espiritualização.

E, para melhor incentivar os Espíritos no trabalho contínuo de evolução, ocorre uma lei natural, segundo a qual aqueles que moram nos degraus superiores podem baixar aos degraus inferiores; mas aqueles que moram nos planos inferiores não podem subir aos superiores, assim como aquele que mora no 3.º andar de um edifício, além de gozar ar mais puro e vista mais agradável, pode vir para baixo mais facilmente, descendo escadas; mas aquele que mora nos

pavimentos inferiores não pode subir senão mediante algum esforço; espiritualmente, tal subida nem é possível, salvo em condições especialíssimas.

O estabelecimento das residências no Mundo Espiritual não se realiza, como acontece no plano terrestre, com a reunião dos afortunados ou dos desafortunados. Aqueles, aqui, têm recursos e moram em grandes e boas casas; os que não os têm, moram nos arrabaldes, nos sítios e em casebres. E os desafortunados do mundo, parece, só existem para servirem aos que têm fortuna!

No Plano Espiritual não é a mesma coisa: lá, as moedas correntes são a virtude e o conhecimento; em duas palavras: Caridade, Sabedoria. São estes os tesouros que os ladrões não roubam, os vermes não estragam, as traças não roem, a ferrugem não extingue.

Eis porque é indispensável, àquele que não quiser sofrer, mas gozar, acumular essa fortuna incorruptível.

Mas façamos um esforço intelectual, ergamo-nos num salto mais arrojado, atravessemos essas camadas superpostas e elevemo-nos até à órbita da Terra. A órbita é o caminho que o nosso mundo percorre, é a área em que ele como que tem direito de agir, de andar, de caminhar. Os demais mundos espirituais que o circundam, têm, também, suas órbitas ainda que mais fluídicas na medida da rarefação de cada um, e faziam também o seu percurso anual.

A Terra percorre a sua órbita velozmente; caminha 107 quilômetros por hora, gastando, no seu itinerário, 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 9,5 segundos. Além desse percurso, que é o de translação, o nosso mundo tem o movimento de rotação em torno do seu eixo magnético, em que gasta 23 horas, 56 minutos e 4,095 segundos.

Pois bem, outros planetas do nosso sistema têm os mesmos movimentos; uns fazem o seu percurso em menos tempo, outros em mais, sempre em relação à distância em que se acham do Sol. Todos têm suas atmosferas superpostas, formando diversos mundos, e cada um deles caminha na sua órbita, na sua estrada de ar, no seu caminho de luz.

Acresce ainda que todos esses planetas, e suas camadas atmosféricas, são habitados por seres, mais ou menos inteligentes do que nós. Podemos, entretanto, afirmar que entre os mundos do nosso Sistema Solar: Mercúrio e Vênus são inferiores à Terra; Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno lhe são superiores.

Vênus e Mercúrio estão mais próximos do Sol, fazem o seu movimento de rotação com o seu eixo muito inclinado; não podem ser superiores, pois as condições de vida ali são demasiado inclementes. Devem existir planetas onde as condições de Vida podem ser mais promissoras.

A Terra é, pois; o 3.º planeta, não só na ordem de distância do Sol, mas também, talvez, quanto às condições de inferioridade; aqui predominam o mal, o sofrimento, a ignorância.

E que diremos desses dois planetas ainda mais atrasados que a Terra? Pois é justamente para esses planetas, e outros em formação, que estão sendo exilados os Espíritos rebeldes, que fizeram da Terra um inferno dantesco, bem como aqueles em cujo coração predomina o mal.

Ocorre com o nosso planeta o que se deu com outros planetas: foi preciso excluir da sua Humanidade os rebeldes e retardatários que entravavam o seu progresso. (*)

(*) *Esta exclusão, "separação dos bodes e das ovelhas" de que fala Jesus, é feita no plano espiritual; os Espíritos renitentes no mal são levados a reencarnar em mundos inferiores. Allan Kardec trata deste assunto no capítulo XI de A Gênese.*

E a Raça Adâmica da lenda bíblica, que foi excluída do Paraíso (mundo superior), para sofrer, aqui, as conseqüências dos seus erros, e, ao mesmo tempo, trazer-nos o progresso conquistado.

E é de se notar que essas vagas deixadas pelos Espíritos que saem, serão preenchidas por espíritos de melhores condições, sendo, por isso, perfeitamente aceitável a descida ao nosso mundo de Espíritos de outros planetas: saem os piores, vêm os melhores.

O que, porém, se precisa frisar, é que a vida normal do Espírito não é na Terra, mas sim nessas esferas, ou mundo extraplanetários que constituem o Mundo Espiritual.

A existência terrestre não é mais que uma encarnação, uma espécie de internato onde cada qual se vem especializar num certo conhecimento, adaptável à sua modalidade inconsciente psíquica, "armazém de lembranças" onde permanece para sempre. (**)

(*) *Vide: Evolução Anímica, de Gabriel Delanne; O Inconsciente, e Do Inconsciente ao Consciente, do Dr. Geley.*

Por exemplo: o indivíduo, desde a sua fase consciente, em que a inteligência predomina, pode ter 2000 anos, e apenas contar 8 ou 10 existências terrestres de 40 anos em média, umas pelas outras.

Isto quer dizer que, no Mundo Espiritual, existem muitos meios de instrução, muitos estabelecimentos de ensino, muitas escolas de progresso, além dos que existem na Terra. E as reencarnações, na Terra, dependem do grau de materialidade dos Espíritos que aqui se encarnam, sejam de que ordem forem, tanto os mais atrasados como os mais adiantados, pois mesmo entre estes, inúmeros se encontram

imersos na materialidade, assim como, no Mundo Espiritual, conquanto ainda pertencentes aos graus de inferioridade, certos Espíritos são mais afetos à espiritualidade do que à materialidade. Poderíamos dar vários exemplos neste sentido, mas o deixamos a cargo dos estudiosos, que poderão comprovar estes enunciados que dizem da existência, no Mundo Espiritual, de exemplares de tudo o que existe na Terra: belos animais, adestrados corcéis que cortam as planícies com improvisadas carruagens, espécies belíssimas de cães, cuja inteligência e lealdade ultrapassam, quase sempre, os Espíritos materializados que ainda povoam este mundo.

Todos os Espíritos têm um lugar no Mundo Espiritual, e cada um deles recebe instrução, proteção e auxílio daquele que lhe é superior.

A harmonia e a ordem regem esse mundo admirável.

Durante as encarnações, o Espírito grava, numa parte do seu "inconsciente", os conhecimentos que adquire. Quando volta ao Mundo da Realidade, acrescenta, às demais parcelas de conhecimentos adquiridos, mais esse da sua última existência. Pode-se figurar o enunciado como um livre branco, cujas páginas o escritor enchesse, à razão de uma por dia.

Na Vida Maior, o Espírito retoca, corrige, aumenta esses conhecimentos, até que, com a sua relativa perfeição nessa esfera, completa a obra, para começar uma outra em mais elevada esfera. De modo que, na nossa existência, há sempre atos a modificar, princípios a corrigir e conhecimentos a adquirir. Só depois do progresso realizado, progresso esse que é sempre relativo, é que terminamos a nossa obra, e, ou

começamos logo outra, ou nos dedicamos à divulgação dessa obra, para depois iniciarmos a seguinte.

O "inconsciente" é o conjunto dos "conscientes" modificado, corrigido, aumentado. Só a real Individualidade, o Ser total, o possui na íntegra, ao passo que o "consciente" é uma espécie de caixa de registro da "personalidade", ou seja; do "ser encarnado".

Finalizemos este capítulo dizendo mais uma vez: estamos muito longe de ter feito uma resenha perfeita do Mundo Espiritual. Estas linhas não representam mais que um ligeiro vislumbre, um esforço de boa vontade para fazer entrever o futuro que nos aguarda, repleto de luzes e gozos inesperados.

XXIV

Trabalho e ocupações dos Espíritos

O Universo não é um campo infinito, sem movimento e sem ação, um deserto onde se brada e ninguém responde, um abismo que traga almas, um sorvedouro onde tudo desaparece e se extingue. Ao contrário, o Universo é uma oficina eterna, onde o martelo do progresso não cessa de fazer-se ouvir, é uma arena infinita e eterna de labor, de estudos, de elevadas diversões, de amenos recreios, onde nascem, crescem, se educam e progridem todos os filhos de Deus.

O Universo é semelhante a uma nação, a um país bem dirigido, onde a ordem, a harmonia, o trabalho, a alegria, a abundância são mananciais de bem-estar e de felicidade para todos.

Todos os seres e todas as coisas são aproveitadas para o aformoseamento dos mundos terrestres e extraterrestres, que flutuam nos espaços e constituem as múltiplas moradas da Casa de Deus.

Todos os Espíritos, desde os menores até os maiores, desempenham trabalho de utilidade no Mundo Invisível. Assim como, aqui na Terra, desde o arquiteto até o servente, concorrem para a construção de um edifício, utilizando nela o barro, madeira, o ferro, o metal, assim também no Mundo Invisível, tudo é aproveitado, todos agem, tudo está em movimento. E nesse trabalho, nessas lutas, nessas diversões educativas, os Espíritos estudam, pesquisam e progridem para se elevarem a um posto superior, para se aproximarem

da felicidade. Cada qual no seu mundo, na sul esfera, manipula a matéria à sua disposição, dedica-se à Arte, à Ciência, cultivando a sabedoria, estudando, por múltiplas formas, o Bem e o Belo, aproximando-se, finalmente, de Deus.

Não há ociosidade, não há desocupados no Além, e, aqueles que persistem na indolência, o acicate da dor logo os fustiga e faz que tomem posição nas lutas da Vida. Há Espíritos, em número muito grande, que trabalham, exercem missões inconscientemente, obedecendo a ordens e a planos superiores.

Uns percorrem os mundos, instruem-se e se preparam para nova encarnação, ou para se elevarem a uma região mais propícia. Outros tratam do progresso, dirigem os acontecimentos, sugerem idéias. Outros tomam, sob sua tutela, indivíduos, famílias inteiras, e se constituem os seus anjos tutelares. Outros, ainda, presidem os fenômenos da Natureza, de que se fazem agentes diretos. Muitos intervêm nos mundos materiais, inspirando e protegendo os encarnados. Outros, os mais atrasados, perturbam os homens, influenciando sobre os acontecimentos da vida; muitas vezes, assistem aos combates durante as guerras, e até os dirigem.

A mitologia considerava os Espíritos como divindades; representava-os como deuses, cada qual com sua atribuição especial. Uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir os fenômenos da vegetação.

Hoje sabemos que essas concepções têm sua razão de ser; em certo sentido, até os fenômenos geológicos são presididos por Espíritos Superiores. Mas os Espíritos não se limitam a esses afazeres, pode-se dizer materiais. Nos

mundos em que habitam, mundos de maravilhas da Arte, de instituições científicas, de princípios religiosos altamente nobres, o seu principal escopo é adquirirem conhecimentos e trabalharem para a coletividade, para o aformoseamento ainda maior dessas regiões em que se acham, e para mais acentuado progresso moral dos seus semelhantes. É assim que organizam reuniões de estudos teóricos e práticos sobre tudo o que concerne à aquisição de conhecimentos; prodigalizam benefícios aos que sofrem; zelam pelos Espíritos que passam desta vida para o Além, iniciando-os nessa outra existência, concorrendo para o seu progresso, velando o seu crescimento, protegendo-os contra a investida de outros seres inferiores, aos quais também corrigem.

O trabalho no Mundo Espiritual está de acordo com a elevação e aptidão de cada um. Aqui na Terra não se daria o serviço de carpinteiro a um sapateiro, ou vice-versa, assim como não se confiaria um posto elevado a um analfabeto; assim também é no Além.

Em suma: os Espíritos, sejam eles da categoria que forem, todos são obrigados a trabalhar pelo seu próprio aperfeiçoamento, a concorrerem para o bem-estar geral, a cooperar para a evolução da região onde residem.

O Universo, pois, é um extraordinário concerto em que a evolução é a nota principal.

XXV

Considerações Imortalistas

A inviolabilidade das leis da Natureza constitui um dos mais belos princípios do Espiritismo. Só mesmo a Verdadeira Filosofia poderia proclamar esta verdade, afastando para bem longe dos seus ensinamentos todo o caráter miraculoso que o sectarismo invoca, quando quer fazer prevalecer idéias errôneas, sem base demonstrativa e sem o amparo de argumentos lógicos para se poderem manter de pé.

De fato, as leis da Natureza são invioláveis, ninguém as pode aniquilar; inacessíveis a todas as investidas, são invulneráveis às mais poderosas forças. Submissas somente à Vontade Suprema, que as estabelecem com onisciência e perfeita previsão da sua ação sábia e benfazeja, elas permanecem e permanecerão, fruto do fiat lux do Verbo que tudo fez e criou.

Não há, portanto, milagre, nem sobrenatural nos fatos, nos que se vão desenvolvendo às nossas vistas, por mais assombrosos nos pareçam. O fogo, a luz, o vapor, e eletricidade, os raios vitais, as claridades ódicas, as ondas hertzianas, os íons, os elétrons, existem na Natureza, de toda a Eternidade, embora só tivessem sido descobertos com o correr do tempo e o progresso das gerações.

A Verdade se manifesta sempre oportunamente e quando inteligências amadurecidas estão aptas para recebê-la. Ela, como a principal manifestação da Lei Divina, não vem cercada de privilégios nem de exclusivismos: é sóbria em

seus cometimentos, regendo, de modo admirável, a evolução dos povos no seu incessante caminhar para um progresso cada vez maior em perfeição, sem jamais atingir um limite final, pois não existem delimitações em estância alguma do Universo.

No plano físico, das formas, os mundos, os corpos, tudo progride na ânsia insaciável da Estética, do Belo; no plano psíquico, os seres se transformam e se aperfeiçoam, na Ciência, na Arte, na Moral, nos meios de comunicações que entretêm as relações fraternas, para aperfeiçoamento das raças, dos Espíritos, que se elevam para a Espiritualidade.

O homem anseia por luz, e Deus lhe envia luz; o homem sente desejo e necessidade de progresso, e Deus lhe faculta meios de ascensão para os planos superiores da criação.

Em 1848, a pequena Aldeia de Hydesville, nos Estados Unidos, foi abalada por fenômenos supranormais que se originaram no seio da família Fox e vinham, por certa forma, estabelecer uma nova orientação na vida dos homens, entregues à material idade.

Já anteriormente, em 1837, o Dr. J. Larkin médico na Cidade de Wrentham, Massachusetts, interessado nos fenômenos do magnetismo, obtivera, até 1847, uma série de fenômenos transcendentais, tão maravilhosos, ou talvez ainda mais, que os verificados em Hydesville.

Não eram esses fatos senão a reprodução acentuada de outros tantos que vinham definitivamente abrir uma era nova para a Humanidade. Pelo menos, é o que se pode concluir das visões de Emmanuel Swedenborg e das diversas experiências supranormais realizadas por Yung Stiling, Lavater, Escheumayer, Zschkcke, Eckartshausen, Schumann, Werner, Gasner, Oberlim, bem como pelo Dr. Justinus

Kerner, citadas cuidadosamente em outra obra pelo autor deste livro, com o fim exclusivo de demonstrar a generalidade da ocorrência desses fenômenos, que outra coisa não eram senão a manifestação natural de certas leis, a suscitar a necessidade de uma meticulosa observação que conduziria o homem à compreensão dos motivos que determinaram esses fenômenos.

Deve-se ver que tais fatos se reproduziam com intensidade por toda parte, espontaneamente e, também, provocados, como se verificou em algumas comunidades de Quakers, nas experiências espíritas de Affonso Cahagnet, com a sonâmbula Adèle Maginot (1845/48), e com o célebre vidente americano Andrew Jackson Davis, cujas obras expõem bem claramente as suas visões supranormais e as suas transcendentais revelações.

Em toda a Europa, a seu turno, não se falava em outra coisa, senão nas "mesas girantes", novidade que chegou a constituir divertimento de salões.

Foi quando, em vista de tão insólitas e perturbadoras manifestações, surgiu, nascido em Lyon, um missionário que, pondo em relevo os fatos antigos, assinalados na História, absolutamente semelhantes aos que se estavam produzindo, e, de acordo com o pensamento de Jesus Cristo, exarado nos Evangelhos, proclamou a Nova Revelação estabelecida para guiar a Humanidade no caminho da Espiritualidade, para que se fizesse, no mundo, o Reino da Paz e da Eternidade! Todas as manifestações do saber teriam de receber, irrevogavelmente, um novo impulso - a Ciência, despojando-se do orgulho de falsos conhecimentos, e a Religião, do apego a dogmas e ao mercantilismo, unir-se-iam sob as bases inflexíveis da imortalidade. O reinado do Ouro

daria lugar ao império da Verdade, para que os povos, livres dos preceitos autoritários das Academias e das Igrejas realizassem, pelo estudo, pela meditação e pelo trabalho, as suas altas aspirações.

Esse trabalho másculo de desvendamento espiritual, verdadeiro deslumbramento para nós outros, que jazíamos nas sombras da ignorância, essa codificação dos novos ensinamentos, que abrangem todos os ramos do conhecimento humano, não podia prescindir da ação de uma inteligência robusta, acima de todas as inteligências terrestres, caracterizada pela sobriedade, pela capacidade de altos raciocínios, pela humildade a par da sabedoria e elevada moral. Foi justamente nessa ocasião que surgiu na França uma das maiores celebridades que o nosso mundo hospedou: Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan Kardec).

Com aquela lógica, clareza e concisão que as suas obras revelam, o grande Missionário tornou-se o maior expoente da Verdade que o mundo precisava receber para a transformação e redenção de seus habitantes. Aí estão os seus livros, onde os leitores poderão, à semelhança do sedento, imergir os lábios no cálice do Vinho Novo, para se desfazerem das concepções obsoletas do passado, preparando-se para surtos grandiosos nas amenas regiões da Vida Eterna.

O que se nota de extraordinário em todas as ocorrências verificadas, desde o alvorecer dos fenômenos que vieram despertar a Humanidade imersa em letargo, é que, entre tantos sábios de nomeada e tantos sábios, rabinos, a escolha para a Revelação da Doutrina, que os fatos demonstram, recaísse num homem que, embora portador, como tantos

outros, de diplomas, não ostentasse as insígnias acadêmicas conferidas aos sábios do mundo.

Neste, como em tantos outros exemplos, parece prevalecer o ditame do Mestre Jesus, segundo o qual "Deus revela seus conhecimentos aos humildes e os esconde dos sábios orgulhosos".

Pois, não é verdade que as manifestações psíquicas vêm de eras imemoriais e se têm reproduzido no mundo em todos os tempos, referendadas por todos os códigos sagrados, e que não existe uma só família em todas as cidades e países que ignore esses fenômenos, cujas narrativas passam de pais a filhos como herança de valor? Não é verdade que essas manifestações têm despertado os filósofos para o estudo do problema da sobrevivência? Não é verdade que a idéia intuitiva das religiões sacerdotais, que ensinam a crença na Imortalidade, é devida a esses fatos, que têm sido constatados em todas as Igrejas?

Pois, se assim tem sido em todos os tempos e em todos os países, por que não nos veio dos "mestres dos povos", dos "guias das almas" a explicação desses fenômenos, a causa dessas manifestações? Por que essa nova Revelação não foi transmitida por intermédio das Igrejas oficiais e officinas que se jactam da posse absoluta da Verdade e se dizem os únicos expoentes autorizados, únicos Pontífices da Palavra de Deus?!

A História Religiosa responde perfeitamente a estas interrogações.

A Revelação do Sinai e a Revelação Cristã seriam, porventura, veiculadas pelas igrejas daqueles tempos? Qual o papel representado pelo Farisaísmo e Saduceísmo em face da

Revelação Cristã? Qual a influência do Bramanismo em face da Revelação de Buda?

Vemo-lo escrito nas páginas da História: sempre que a Humanidade tem de receber mais uma luz, seja no terreno religioso, seja no científico, o Senhor, em vez de se prevalecer de sacerdotes e de acadêmicos que pontificam na Religião e na Ciência, utiliza-se, ao contrário, de pessoas absolutamente estranhas e alheias às doutrinas convencionais e dogmáticas. Parece até que a sentença de Jesus Cristo: "não se põe vinho novo em odres velhos", tem, nesses casos, peremptória confirmação. Esta confirmação é tão categórica que se chega a ver o despeito que as Ciências Humanas, ou antes, seus corifeus, têm manifestado contra as novas verdades que nos vêm tirar da imobilização, do círculo vicioso em que eles têm feito permanecer a Humanidade. Outro tanto se pode dizer das religiões oficializadas, infensas, em todos os tempos, às novas descobertas e às verdades novas.

É de admirar que o mesmo acontecesse ao Espiritismo; que é a mais ampla revelação que a Humanidade tem recebido? É de estranhar que Deus não quisesse, também desta vez, revelar a Sua Palavra ao mundo, como aconteceu outras vezes, por meio de "sábios" e de "sacerdotes", mas os escolhesse por sua indefectível Justiça?

E quem não vê que essas revelações são progressivas, as últimas corroborando os preceitos das primeiras e trazendo um complemento característico de mais elevado ensino, em virtude das circunstâncias de progresso que a Humanidade tem realizado? "Eu não vim derogar a Lei e os Profetas, disse o Cristo, mas sim dar-lhes cumprimento". É assim que a Lei se vai tornando cada vez mais conhecida, à medida que

os homens crescem no seu conhecimento, e os profetas (médiuns), ou intermediários da Vontade Divina, também sentem aumentar e diversificar em si mesmos os seus dons, na razão direta da expansão da Lei em sua sublimidade moral e espiritual.

A Primeira Revelação, dada por intermédio de Abrão, não diz mais que a existência do Deus Único, Deus Vivo que está em toda parte e em quem devemos crer e confiar.

A Segunda Revelação, vinda por intermédio de Moisés, a Revelação do Sinai, já é um Código de mandamentos e preceitos, além de, em sua primeira ordenação, repetir a Revelação Abraâmica.

Como se vê, a Revelação Mosaica não veio destruir a Revelação Abraâmica, mas cumpri-la e ampliá-la, prescrevendo ordenações que não se achavam prescritas na revelação anterior.

Por outro lado, observem-se os tempos abraâmicos e mosaicos, quanto às manifestações do Além dadas pelos profetas, e ver-se-á, claramente que as revelações pessoais tiveram, nessa época, grande repercussão; os médiuns (profetas) se multiplicaram tanto, e tanto abusaram de suas faculdades, que Moisés chegou a proibir os encantamentos, as adivinhações, as invocações dos mortos, impondo, como legislador e chefe do povo de Israel, penas severas a quem transgredisse o seu decreto.

A Lei se completa sempre com os Profetas, e os Profetas não podem exorbitar a Lei: têm de submeter-se a ela. "Os encantamentos, as adivinhações, a invocação dos mortos" para fins de que se utilizavam os médiuns populares daqueles tempos, eram práticas contrárias à Lei do Decálogo; essencialmente politeístas, iam de encontro ao

preceito de amor e de adoração ao Deus Vivo, Deus Uno, bem como infringiam os demais preceitos do Decálogo referentes ao "amor ao próximo". Os fins especulativos e supersticiosos, visados pelos mistificadores, praticados, então, como ainda hoje, por pessoas sem critério e despidas de todo sentimento do Bem, é que determinaram a proibição.

A Lei manifesta-se sempre pelos Profetas e, assim, há mistificadores da Lei, há profetas de mentira que semeiam pelo mundo o erro, a desarmonia e a incredulidade. Foi o que levou também o Apóstolo João a recomendar severamente: "Examinai se os Espíritos vêm de Deus, porque muitos falsos profetas têm aparecido no mundo".

Poderia, a seu turno, haver Lei sem Profeta. O que era Moisés quando recebeu a Lei no Sinai? Que papel desempenhou esse Salvador dos Israelitas, se não o de Profeta?

Todas as manifestações da Vontade Divina, seja nas Artes, nas Ciências, na Religião, têm os seus profetas, porque, como disse o Apóstolo: "Deus fala ao homem pelo homem: O Espírito do Profeta está sujeito ao Profeta". Em Elias e Eliseu vemos o exemplo desta doutrina; em Cristo Jesus e Paulo, salienta-se também este princípio: "Já não sou eu mais quem vive, mas Cristo que vive em mim e tudo realiza".

Mas a Revelação não parou no Sinai; as suas luzes deviam ampliar-se e intensificar-se porque a Religião, como dissemos, é progressiva.

Cerca de dois mil anos após a explosão do Sinai, uma nova e mais intensa luz brilhou na Palestina, irradiando-se, depois, pelo mundo todo.

Já havia nascido, em tosca alfombra, e crescia em tugúrio humilde, aquele que, alheio a todas as congregações religiosas, empunharia o Facho Divino para iluminar a Revelação Mosaica e cumpri-la, pois não vinha revogá-la, mas aumentar-lhe a intensidade do clarão, desde que já era mais acentuada a maturidade da Humanidade.

De Moisés em diante, a despeito da proibição, os Profetas de Deus não cerraram seus lábios e outra coisa não fizeram senão chamar a atenção dos homens da Terra para as coisas dos Céus. Cada página do Velho Testamento, confirma nossa asserção. Em todas elas observam-se fenômenos metapsíquicos de natureza diversa, bem como se salientam magnificamente os dons mediúnicos de que eram dotados aqueles homens que resistiram como verdadeiros heróis à guerra tremenda que lhes moveram os grandes da sua época, os sacerdotes do seu tempo. Leia-se a história dos próceres da Verdade Religiosa: Ezequiel, Daniel, Isaías, Elias, Eliseu; desenterre-se a Bíblia dos escombros dogmáticos e dos "mistérios" que a retém desconhecida do povo, e ver-se-á que essa luz, que brilha atualmente no Espiritismo, não é mais do que aquela pequena chama, que teria de estender-se, mais tarde, e abranger o mundo inteiro.

O Advento do Cristianismo, tem absoluta paridade com a época atual, de 80 anos a esta parte (*), na qual os Espíritos, como hoje, tudo fazem para positivar as manifestações mediúnicas intelectuais e de efeitos físicos, que se alastram e hão de desenrolar-se, justificando as palavras do Precursor: "Os tempos são chegados! Preparai as veredas do Senhor, porque os vales serão nivelados e os outeiros arrazados!"

(*) *Hoje (1981), 124 anos, pois a Codificação Kardequiana data de 1857, ano da publicação de "O Livro aos Espíritos".*

A Vida de Cristo, do nascimento à morte, é uma série ininterrupta de manifestações proféticas, ou sejam, mediúnicas, que revelam bem claramente a Missão do Filho de Deus.

Esta singular Individualidade personifica perfeitamente a Lei e os Profetas, e pois, talvez, por essa razão que, para dar a conhecer-se categoricamente a seus principais discípulos, subiu ao alto do monte e, num apelo supremo, lhes fez aparecessem as duas principais figuras que representaram os maiores expoentes da Lei e dos Profetas - Moisés e Elias, para servirem de testemunhos vivos da sua singular missão.

Esta verdade mais se confirma com as sucessivas aparições do Senhor, depois da crucificação, lembrando a Lei e exortando os Profetas a cumprirem a sua tarefa.

E convém não esquecer, de passagem, o prenúncio dado pelo próprio Cristo, de uma Revelação ainda mais ampla, cuja Missão, sob a égide do Espírito da Verdade, do Espírito Consolador (João, XIV, 26) seria relembrar, fazer cumprir a Revelação Messiânica e ensinar-nos todas as coisas, dado que não seriam compreendidos, naquela época, ensinamentos mais elevados, mais complexos do que os que haviam sido ministrados por Jesus.

Aí está a Nova Revelação, a Revelação Espírita, desempenhando esse dever, esclarecendo os homens e proporcionando-lhe fatos extraordinários, admiráveis fenômenos, tais como os que deram motivo às inúmeras obras do Espiritismo e da Parapsicologia.

Não é de admirar, pois, a frequência acentuada da diversidade dessas manifestações, que tendem a multiplicar-se mais e mais, mostrando-nos a ampliação incessante desses fenômenos, que marcarão uma nova era no estabelecimento

das verdadeiras relações da Humanidade Visível com a Humanidade Invisível, entre o Mundo Terreno e o Mundo Espiritual.

É o caso de repetirmos com o Apóstolo Paulo: "Em parte conhecemos e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, aquilo que é em parte, será posto à margem". Ainda estamos "vendo tudo por espelho de enigma, mas veremos face a face".

Por isso, ao concluir este trabalho, entrevemos um progresso mais elevado e mais profícuo para a nossa própria felicidade. O túmulo não é o ponto final da existência. Nosso destino é grandioso. Existem mundos de luz, onde reina a verdade; mundos que serão nossas futuras moradas! Assim como o progresso caracteriza perfeitamente a evolução gradativa do nosso planeta, que será um dia paraíso terrenal, assim também essa Lei inflexível, que rege os mundos que se balouçam no Éter, nos prepara moradas felizes, dispersas na Casa de Deus, que é o Cosmo Infinito.

Tenhamos fé e estudemos! Ignorabimus? Progrediamur! Ignoramos? Progridamos! Porque do estudo e da pesquisa vem a verdade que esclarece a inteligência, e, desta, a evolução espiritual, que nos guinda às alturas, para compreendermos as coisas do Espírito, coisas que Deus reserva para todos os que procuram crescer no Seu conhecimento e na Sua graça. Que as luzes da caridade, que vamos conquistando, nos ilumine toda a Ciência, toda a Religião, toda a Filosofia, para podermos, com justos títulos, observar as magnificências do Universo e cientificarmos-nos da Imortalidade e da Eternidade da Vida.

FIM